

O XAMANISMO E A RAÇA VERMELHA

Luiz Guilherme Marques

PRIMEIRA PARTE

O XAMANISMO

***“Não é o lugar em que nos encontramos
nem as exterioridades que tornam as
pessoas felizes; a felicidade provém do
íntimo, daquilo que o ser humano sente
dentro de si mesmo.”***

(Roselis von Sass)

***“O grande causador de doenças no ser
humano é a hipertrofia do seu ego.”***

(Irmandade dos Anônimos)

INTRODUÇÃO

Podemos garantir que os prezados leitores nunca viram um livro escrito sobre o Xamanismo com este formato, ou seja, comentários sobre um artigo.

Todavia foi a maneira mais didática que encontramos de expor a vocês o que conseguimos aprender sobre o Xamanismo em contato com nossa mestra encarnada e com os amigos espirituais que conversam conosco por meio das cordas vocais dela e das nossas próprias, sem contar as manifestações espirituais de espíritos sofredores e trabalhos de cura dos quais participamos durante mais ou menos quatro anos, de forma intensiva.

Ao contrário de muitas outras correntes espiritualistas, o Xamanismo não estabelece horários fixos para atuação em favor de quem necessita, ou seja, mesmo quando há reuniões marcadas para dias e horas pré-determinadas, os atendimentos esporádicos podem ser realizados em outros horários e dias e, na verdade, isso acontece até com certa frequência.

O que importa é não deixar sem socorro quem precisa.

Muitas vezes os próprios médiuns é que necessitam de socorro, quando estão assediados

pelos que podemos chamar de adversários da Luz.

Os trabalhos, pelo lado espiritual, são dirigidos por espíritos que se autodenominam de caboclos, pretos velhos e índios e nenhum faz questão de ser identificado com os nomes que teve nas sucessivas encarnações os quais, muitas vezes, fizeram parte do rol dos chamados santos, gênios e heróis da humanidade, porque estão preocupados é com o “aqui e agora” das realizações atuais.

Quando Jesus disse: “Se dois ou mais estiverem reunidos em Meu Nome, Eu aí estarei” não exigiu que fossem pelo menos dois, porque basta um e até a presença de animais também pode ajudar, conforme o caso, pois seu ectoplasma pode ser utilizado em trabalhos de cura e outros.

O Xamanismo foi trazido à Terra por uma falange de mais ou menos dez mil orionianos, há cerca de quinze milênios atrás.

Surgiu no continente de Mu, que submergiu no Oceano Pacífico há mais ou menos doze milênios.

De lá se espalhou pelo mundo, mas, ao contrário da maioria das correntes religiosas ou filosóficas, não teve nenhuma figura centralizadora, como o Judaísmo teve Moisés, o

Islamismo teve Maomé, o Budismo teve Buda, o Espiritismo teve Allan Kardec etc. etc.

O planejamento do Conselho Cármico, que dirige a Terra, sob o comando de Jesus, estabeleceu que esse movimento não tivesse nenhum chefe, justamente para não se desvirtuar, como aconteceu com a maioria dos outros, pois, ao tentaram concentrar seus ensinamentos nos chamados “livros sagrados”, suscitaram disputas em torno do significado das palavras e deram motivo a uma estrutura hierarquizada, tudo isso que acabou engessando as ideias iniciais bem intencionadas e possibilitou o ingresso em suas fileiras de muitos adversários da Luz, que, muitas vezes, acabam dominando esses movimentos e neutralizando-os.

Cada historiador que consultamos considera o início do Xamanismo num ponto do planeta e em uma época diferente, mas preferimos a nossa tese.

O que interessa é o que hoje existe e atua, mas a verdade é que muitos adversários da Luz ingressaram nas suas fileiras e têm procurado desvirtuar seus ensinamentos ou se enriquecerem às suas custas.

Há muitas ramificações do Xamanismo, a ponto de ser incontável seu número, mas isso é justamente o que lhe dá vitalidade, uma vez

que cada pajé, cada xamã, cada adepto segue aquilo que acha correto e, para dizer a verdade, cada um adota o estilo que mais se adequa ao seu próprio perfil, sem que, se for honesto e bem intencionado, previdente e tiver bom senso, estará certo.

Ninguém escreveu um “livro sagrado” do Xamanismo, o qual não existe, e não iremos citar autores, a não ser Jamie Sams e Carlos Castaneda.

O texto em que nos baseamos é não é tão abrangente e não aprofunda muito os assuntos, mas nos serve como base porque a finalidade do nosso livro é dar uma primeira notícia do Xamanismo e não escrever um tratado, que, aliás, não temos bagagem para realizar.

A imensa maioria dos seres humanos da Terra é doente por causa da sua hipertrofia do ego, ou seja, sua pretensão de ser o “centro do universo”.

Esse sentimento se apresenta escondido, muitas vezes, na falsa humildade e na auto piedade e é o próprio retrato da depressão, do desânimo, da rebeldia, do orgulho, do egoísmo, na agressividade, nos vícios etc. etc.

O Xamanismo, no fundo, é apenas uma das muitas formas de se procurar curar o ser humano da sua hipertrofia do ego.

A realidade terráquea é, ainda, a de um mundo de egocêntricos.

A felicidade anda longe daqui, justamente porque ela só está dentro daqueles que limpam seu íntimo das energias negativas dos maus feitos, maus pensamentos e maus sentimentos do passado e do presente.

A cura dos problemas físicos não é a mais importante, porque, se o íntimo continua sintonizado no que podemos chamar de Mal, a tendência é o reaparecimento das mesmas doenças ou o surgimento de outras.

Se a criatura humana se harmoniza realmente, não importa qual seja sua ideologia.

O Xamanismo veio para ajudar, junto com todas as outras, que se completam.

A ferramenta mais forte do Xamanismo, no que diz respeito à cura, é o resgate de alma, através do qual as energias negativas das más vivências do passado são transmutadas em energias boas e ocorre a cura energética total ou parcial, conforme o merecimento e o esforço do paciente.

Não iremos aprofundar o tema do resgate de alma neste livro.

O texto-base está em itálico e entremeado com os nossos comentários.

Boa leitura!

O texto-base é de autoria de Mayra Cristina Silva Faro e se chama “Mulheres Pajés – as xamãs nativas brasileiras” e encontra-se publicado, em 12/08/2014, no portal O Sagrado Feminino – Reintegrando a Feminilidade Sagrada Essencial, o Poder e o Despertar da Mulher

(<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/643/539>)

***MULHER, CURA E PAJELANÇA EM SOURE
(ILHA DE MARAJÓ-PA)***

***MULHERES QUE CURAM: UM ESTUDO
SOBRE MULHER, NATUREZA E
PAJELANÇA EM SOURE (ILHA DE
MARAJÓ/PA)***

1. Introdução

Em alguns lugares as mulheres são restritas à prática do xamanismo, consideradas “impuras”, provocadoras de desordem ou incapazes de lidar com forças poderosas e espirituais (Motta-Maués, 1993).

A discriminação contra as mulheres vem de longe e, infelizmente, continua quase inabalável até hoje em praticamente todos os meios.

Não seria no seio do Xamanismo que isso seria tão diferente.

Como vimos, os argumentos são três: a) as mulheres são impuras; b) são provocadoras de desordem e c) são incapazes de lidar com forças poderosas e espirituais.

Realmente, essa marginalização das mulheres não faz sentido, mas, ao contrário, elas costumam ser melhores médiuns que os homens, devido à sua maior passividade, sendo que a mediunidade exige uma dose razoável de aceitação dos médiuns quanto aos fenômenos que por intermédio deles se realizam.

Os homens nem sempre confiam nos fenômenos que por eles próprios se produzem, mas isso varia de médium para médium.

Em outros lugares, porém, são consideradas detentoras de poder, capazes de curar e mobilizar as forças sobrenaturais tão bem quanto os homens (Tedlock, 2008).

Isso tudo depende de uma série de fatores, inclusive da determinação dos próprios médiuns, que não se deixam intimidar pelos opositores.

Veremos, adiante, médiuns corajosas, que seguem firmes no seu trabalho e se impõem pela seriedade e idealismo.

Sua restrição ou não no campo do xamanismo ou da religião depende muito mais do campo social que fora ali construído do que de

princípios biológicos ou próprios da fisiologia feminina.

Entendemos que, além do meio onde esses médiuns atuam, sua condição de atuar depende também deles próprios, ou seja, da sua firmeza e outras qualidades pessoais.

Neste trabalho pretendo apresentar um pouco sobre a participação da mulher na pajelança cabocla (uma forma de xamanismo) na cidade de Soure (Ilha do Marajó-PA) e como se apresentam essas práticas de cura na localidade.

A autora do artigo conceitua a “pajelança cabocla” como sendo “uma forma de Xamanismo”, sendo que, na verdade, a pajelança é um tipo de atuação que visa à cura física ou espiritual através da metodologia xamânica.

Além disso, este artigo tem o propósito de apresentar alguns resultados de uma pesquisa que vem sendo realizada desde 2009 sobre a pajelança cabocla e as mulheres pajés na cidade de Soure.

Este estudo nos serve, porque acaba falando também no elemento masculino.

Este estudo tem como objetivos analisar práticas e saberes de cura em Soure, e observar o papel da mulher no contexto religioso e simbólico da pajelança.

“Práticas” e “saberes” de “cura” são expressões que merecem ser pensadas, sendo que a primeira significa a realização concreta dos conhecimentos, a segunda se caracteriza como o conjunto de técnicas e informações e a terceira o objetivo de todo esse acervo de teoria e prática.

Compreende-se pajelança cabocla como um conjunto de crenças e práticas de cura bastante difundida na Amazônia, em que se encontram mesclados em graus variados elementos de diversas culturas.

“Crença” e “prática” de “cura” são aparentemente as mesmas expressões do parágrafo anterior, mas a expressão “saberes” foi substituída por “crença”, o que diminui sua força, pois “crença” dá ideia de simples fé, sem base maior de sustentação.

Na verdade, são “saberes” e não simples “crenças”, pois, quando testados, mostram sua densidade, como ciência que é.

A metodologia que foi utilizada é de pesquisa de campo e bibliográfica, com abordagem qualitativa e fenomenológica, constando da análise de entrevistas narrativas e observações em ritos de cura com mulheres pajés ou curadoras.

Vale destacar as expressões “ritos de cura”, “pajés” e “curadoras”.

Não são simples “ritos”, mas movimentação de energias invisíveis, todavia poderosas da Natureza, como veremos mais adiante.

A autora, mais adiante, irá diferenciar as figuras das “pajés” das “curandeiras”.

2. Pajelança Cabocla na Amazônia

A cultura brasileira reúne elementos de diversas culturas e povos, em que desde o início do processo de colonização e exploração do território a relação entre as etnias proporcionou a formação de nosso corpo cultural, intensamente diversificado. Além de outros povos e culturas que participaram de certa forma na colonização do Brasil, os indígenas, portugueses e africanos representaram presença marcante e nos legaram aspectos de sua cultura e religião até hoje.

Com todo respeito pela articulista, o Xamanismo não tem nada diretamente a ver com portugueses e africanos e suas respectivas crenças. Se utiliza alguns elementos desses correntes é um mínimo, mas que não passa, digamos, de um por cento. A essência do Xamanismo é indígena, ou seja, da raça vermelha.

É bom que isso fique bem claro para não confundir os prezados leitores, que, em caso contrário, pensariam que o Xamanismo é um

misto dos conhecimentos católicos, africanos e indígenas.

A cultura amazônica, por sua vez, em suas múltiplas faces e aspectos, é resultante da “integração dos elementos culturais de que eram portadores os que participaram do processo de colonização da região” (Figueiredo, 1972, p. 35).

Trata-se, claro, de uma verdade, mas não se deve confundir “cultura amazônica” com “cultura xamânica”.

A pajelança cabocla é um significativo aspecto da cultura brasileira, e especificamente, da cultura amazônica.

Pelo que podemos deduzir, sem ter aprofundado o assunto, é que a pajelança cabocla é uma cultura específica, casualmente localizada no Brasil, no caso, também, na Amazônia.

A pajelança cabocla é uma religiosidade bastante presente em várias localidades da Amazônia, apresentando suas particularidades dependendo do contexto histórico e social e da localidade na qual está inserida.

Cada pajé, cada curandeiro tem seu estilo próprio.

Não há uma forma padronizada de pensar e agir.

Felizmente não há a unidade que engessou a maioria das filosofias e religiões.

Podemos atribuir como característica geral da pajelança a que foi definida por Heraldo Maués (1990), um conjunto de práticas e crenças xamanísticas que tem em suas expressões culturais diversos elementos da religiosidade indígena, africana e católica, mesclados em graus variáveis.

Aqui está o esclarecimento necessário: a proporção de cada um dos três ingredientes varia de pajé para pajé, de curandeiro para curandeiro.

A pajelança cabocla, assim como a indígena, são formas de Xamanismo características da Amazônia.

A autora diferencia a “pajelança cabocla” da “pajelança indígena”, justamente pela mescla que a primeira tem dos elementos culturais religiosos dos portugueses e dos africanos.

Compreende-se Xamanismo como “um fenômeno religioso da Ásia Central e Setentrional (povos altaicos, buriatas, samoiedos, iacutes, tungues, voguls etc.) e das regiões árticas norte-europeias (lapões)” (Montal, 1986, p.13), que remonta sua origem ao período Paleolítico, a mais de 25 mil anos a.C.

Conceituar é sempre correr o risco da imprecisão e este é o caso também do conceito de Xamanismo.

Mas é melhor do que nenhuma.

Segundo Alix de Montal (1986, p. 15), “a palavra xamã vem do tungue saman, aparentado com o sânscrito sramana e com o pâli samana, que significa ‘homem inspirado pelos espíritos’”, e afirma também que: Encontram-se fenômenos xamânicos similares entre os esquimós, entre os índios da América do Norte e da América do Sul; na Oceania, na Austrália, no sudeste asiático; e enfim, na Índia, no Tibete e na China. Trata-se, aqui, de um conjunto de práticas evidentemente adaptadas e amalgamadas a cada cultura, a cada crença, mas que em toda parte apresenta o mesmo conteúdo mágico-religioso e simbólico (Montal, 1986, p.15).

A diversidade, como dissemos, é devido a cada pajé e cada curandeiro adotarem estilos próprios.

A expressão “conteúdo mágico-religioso e simbólico” merece uma reflexão.

A Magia é uma ciência ligada à força mental e à forma dos elementos da Natureza (animais, vegetais e minerais).

É uma verdadeira ciência e deveria ser estudada e testada pelas universidades e os pesquisadores como tal e não como credence.

O simbolismo não representa o elemento principal, mas a movimentação de energia invisível que é feita tendo os símbolos como

facilitadores da concentração mental oyu energética.

Os símbolos não têm valor por si mesmos, mas sim funcionam como lembretes sobre determinados assuntos.

De acordo com este autor, o animismo (isto é, ideia de que em tudo há alma ou energia vital), a crença nos espíritos de animais ou animais de poder, o poder curativo e sagrado das plantas, o transe, o êxtase, a existência de outros mundos paralelos ao mundo material, são algumas das principais características do xamanismo.

A enumeração dos pontos estudados pelo Xamanismo está incompleta, mas é melhor do que nenhuma: a) em tudo há alma ou energia vital), b) a crença nos espíritos de animais (animais de poder), c) o poder curativo e sagrado das plantas, d) o transe, e) o êxtase, f) a existência de outros mundos paralelos ao mundo material.

Vamos falar um pouco sobre cada um.

Os seres humanos, os animais, os vegetais e os minerais têm energia vital, que pode ser movimentada para a cura ou para causar malefícios, de acordo com a intenção de quem lhes aplica a força mental.

Os chamados “animais de poder” são os espíritos animais.

Há também as “plantas de poder”, bem como os minerais que detêm maior concentração de energia, como, por exemplo, determinados cristais.

Todos eles são auxiliares nos processos de cura (e, também, na causação de malefícios).

O transe é o contato do humano dotado de corpo físico com algum ser imaterial humano ou sub-humano, por exemplo, um animal, um vegetal ou um mineral extra físico.

O êxtase significa o transe que põe o pajé em contato com seres humanos muito evoluídos espiritualmente.

Há outros mundos imateriais onde vive uma infinidade de criaturas humanas e sub-humanas e que podem ser contatados pelos pajés e pelas criaturas humanas e sub-humanas dotadas de corpo material.

O xamã seria, então, o sacerdote deste culto, o mediador fundamental entre os espíritos (de antepassados, de deuses e de animais) e os seres humanos.

O xamã (pajé) é um médium, um paranormal ou outro nome semelhante.

Ele tem facilidade para entrar em contato com essas realidades extrafísicas.

Tedlock (2008) escreve o xamanismo como uma prática e que raramente se constituiu em uma instituição social formal, ou seja, em quase toda

a parte “o xamanismo foi no passado, e ainda é nos dias de hoje, mais um conjunto de atividades locais e contingências do que uma instituição étnica ou nacional” (p. 29).

O Xamanismo, como viemos dizendo desde o começo, é o conjunto das convicções e práticas de todos os xamãs individualmente considerados.

O pajé, que corresponderia ao xamã, é aquela pessoa que tem o dom de curar doenças naturais e não naturais com o auxílio dos encantados, e os encantados (ou caruanas) são seres mágicos que vivem no fundo dos rios, florestas, e detentores de poder e sabedoria.

Há doenças físicas e doenças energéticas (espirituais).

Em ambos os casos os pajés (xamãs) podem atuar, tentando a cura, com a ajuda dos espíritos (criaturas humanas ou sub-humanas espirituais).

Ambos são os dois eixos principais que compõem a Pajelança.

Aos pajés (xamãs) e os incorpóreos (encantados) são os artífices das curas.

Sobre os pajés, existem dois tipos: o “de nascença” e o “de agrado”.

O pajé de nascença manifesta seu dom ainda no ventre da mãe, chorando ou emitindo um som. Tal ocorrido não pode ser revelado publicamente

antes do tempo, sob pena de a pessoa perder seus poderes (Maués, 2005). Ao alcançar certa idade, o jovem passa por um processo chamado de corrente-do-fundo, de muito sofrimento, crises, doenças ou ataques de violência ou possessão descontrolada de espíritos e caruanas. Ele deve, então, submeter-se a tratamento com um pajé experiente, que irá afastar os espíritos e os maus caruanas, treinando o noviço para que ele possa controlar as incorporações. O pajé: Ao mesmo tempo, ensina-lhe os mitos, as técnicas, o conhecimento dos remédios, as orações etc., de sua arte. Ao final do período de treinamento, o novo pajé é “encruzado” numa cerimônia imponente, em que deve morrer simbolicamente para renascer como xamã. A partir daí, estará pronto para tratar seus próprios doentes e até formar seus próprios discípulos. Mas nunca se cura inteiramente da “doença” (chamada de “corrente do fundo”) que o acometeu: ele terá que manter permanentemente certos tabus alimentares, sexuais e de outros tipos, bem como “chamar” regularmente suas entidades, dedicando-se, sempre, à prática da “caridade”, isto é, à cura das doenças, sem procurar fugir de suas “obrigações”, sob pena de ser castigado por seus próprios caruanas (Maués, 2005, p. 10). Os pajés de agrado ou de simpatia manifestam o dom apenas na juventude ou maturidade.

Também são acometidos pela corrente-do-fundo e devem ser tratados e preparados por um pajé experiente, que realizará sua iniciação. Os pajés de agrado são “escolhidos” pelos encantados ao simpatizarem, se afinarem com esses indivíduos. De acordo com a classificação de Heraldo Maués sobre a natureza das doenças, em “A Ilha Encantada” (1990), entanto, essa categoria de pajé não possui tanto prestígio quanto os de nascença, como afirma Cavalcante (2008, p. 53).

Essa diferenciação não tem grande importância para o nosso estudo.

Existe uma diferença entre curandeiro(a) e pajé, em que o(a) primeiro(a) não incorpora ou não é possuído(a) por forças mágicas para curar, mas apenas receita banhos, garrafadas, chás, defumações, e utiliza-se, sobretudo, de orações e rezas, e sua maior aliada é a intuição e observação atenta para saber que mal aflige os que a procuram. Por sua vez o(a) pajé incorpora e serve como instrumento (ou “ave”) dos encantados para efetuar a cura, além de ser capaz de visitar o fundo ou encante (onde habitam os encantados), e acredita-se ser detentor de maior poder de cura para diversas doenças (naturais e não-naturais) (SILVA, 2006).

Os pajés incorporam os espíritos, enquanto que os curandeiros não.

A referência à intuição é importante, pois ela significa o ouvir a fala dos espíritos, dos invisíveis.

Ouvir a voz da intuição é tão importante quanto incorporar e, assim, um bom curandeiro pode ser mais útil que um mau pajé...

Os encantados, por sua vez, podem ser definidos como seres sobrenaturais, que possuem poderes de cura ou maldição, e vivem no fundo de rios ou no interior das matas. De acordo com Maués (2005, p.7), os encantados: São normalmente “invisíveis” aos olhos dos simples mortais; mas podem manifestar-se de formas diversas. A partir dessas formas distintas de manifestação, eles são pensados em três contextos, recebendo, por isso, denominações diferentes. São chamados de bichos do fundo quando se manifestam nos rios e igarapés, sob a forma de cobras, peixes, botos e jacarés. Nessa condição, eles são pensados como perigosos, pois podem provocar mau olhado ou flechada de bicho nas pessoas comuns. Caso se manifestem sob forma humana, nos manguezais ou nas praias, são chamados de “oiaras”; neste caso, eles frequentemente aparecem como se fossem pessoas conhecidas, amigos ou parentes, e desejam levar as pessoas para o fundo. A terceira forma de manifestação é aquela em que eles, permanecendo invisíveis, incorporam-se nas

peçoas, quer sejam aquelas que têm o dom “de nascença” para serem xamãs, quer sejam as de quem “se agradam”, quer sejam os próprios xamãs (pajés) já formados: neste caso, são chamados de caruanas, guias ou cavalheiros. Ao manifestar-se nos pajés, durante as sessões xamanísticas, os caruanas vêm para praticar o bem, sobretudo para curar doenças.

Aqui está o ponto central do nosso estudo. Vamos reler este trecho calmamente?

A cosmovisão na encantaria amazônica, segundo Harris (2004), é dividida em três mundos ou domínios: o Céu, habitação de Deus e dos santos, fica “em cima”; o Intermediário, que é o mundo dos homens, do mundo material e profano, fica “no meio”; e o Fundo, isto é, a profundidade dos rios, da terra ou das matas, é habitação dos encantados e caruanas, fica “embaixo”. O mundo dos homens seria interligado pelo Céu e o Fundo, e os pajés, xamãs ou mestres são o eixo de comunicação entre essas esferas.

A cosmogonia é trinária.

Na maioria dos estudos e trabalhos publicados sobre a pajelança se observa uma recorrência maior de homens pajés ou curadores do que de mulheres pajés, pois estas são em grande parte dos casos proibidas pela família e pela comunidade de exercerem seu dom de cura, mesmo que seja um dom de nascença.

O machismo está presente também no Xamanismo.

3. A Mulher como Xamã

Conta uma antiga lenda buriata (um dos povos mais importantes da Sibéria), que o primeiro ser humano xamã na Terra foi uma mulher: No princípio, a Terra era povoada apenas por Espíritos celestes, os Tängri bons do oeste e os Tängri maus do leste. Um dia, os Tängri do oeste criaram os homens; tudo ia muito bem até que os Tängri do leste enviaram as doenças e a morte. Para mitigar a sorte dos homens, os Tängri do oeste revidaram enviando-lhes um xamã, que apareceu na Terra sob a forma de uma águia (a Águia era um deus). Seu contato com os seres humanos foi decepcionante, devido ao problema da linguagem. Decidiu-se então que a Águia transmitiria toda a sua ciência, e o dom do xamanismo, à primeira pessoa que encontrasse. Essa pessoa, que dormia sob uma árvore, era uma mulher. A Águia manteve relações com ela, “e mais tarde a mulher teve um filho que se tornou o primeiro xamã” (Boyer apud Montal, 1986, p. 13).

Em outras mitologias, como a da América Central, conta-se que a mulher nasceu ao mesmo tempo que o primeiro nagual, e por isso ela é considerada tão capaz quanto ele, e às vezes até mais temível, no exercício do xamanismo. Sobre

as mulheres xamãs, Montal (1986, p. 25) cita Dom Juan que diz que “de modo absoluto, elas levam ligeira vantagem”. E o próprio processo de iniciação das xamãs segue as mesmas etapas que o dos xamãs.

Montal (1986, p. 26 – 27) menciona que entre os araucanos (índios que habitam o Chile e a Argentina), os machi geralmente eram mulheres, mas até a metade do século XIX os homens machi eram mais numerosos. Entretanto, eles manifestavam uma homossexualidade “passiva”, não se vestiam como homens, usavam indumentária semelhante à das mulheres, usavam cabelo solto ou trançado, enfeitavam-se com colares, anéis e outras joias femininas. Eram respeitados tanto por homens como por mulheres, mas com estas se comportavam como homens, e com aqueles, como mulheres.

Este autor explica que a razão de mulheres xamãs serem pouco numerosas é devido a estas serem menos disponíveis do que o homem. Os afazeres domésticos, o cuidado e educação dos filhos, a gravidez e todos os períodos em que ela está menstruada e, para algumas sociedades, “impura”, são obstáculos que dificultam ou até mesmo impedem, de acordo com as normas de cada comunidade, o exercício do xamanismo pela mulher.

Para Tedlock (2008), em diversas culturas da Era do Gelo, há cerca de 60 mil anos, a mulher exercia papel de grande importância, não de primazia, no xamanismo. Escavações arqueológicas no sítio do Alto Paleolítico chamado Dolní Vestonice, na República Tcheca, encontraram dois ossos da escápula de um mamute posicionados para formar os dois lados de um teto de resina de pinheiro. Embaixo havia um esqueleto humano, e na terra que o cobria, bem como nos ossos, viam-se traços de ocre vermelho, indicando que o corpo fora pintado de vermelho antes de ser enterrado.

No entanto, esse túmulo não era de uma pessoa comum, pois encontraram também a ponta de uma lança de sílex próxima a cabeça do cadáver e o corpo de uma raposa posto em uma das mãos. Segundo a equipe de arqueólogos que estudaram o sítio, a raposa era um indício claro de que a pessoa no túmulo fora um xamã. Contudo, foi uma surpresa quando a análise do esqueleto revelou que o xamã em questão era uma mulher. Anos mais tarde, foi descoberto próximo do túmulo da xamã uma cabana de terra batida contendo ossos estriados e um forno grande com milhares de pedaços de argila cozida, alguns na forma de pés humanos, mãos, cabeças, e outros eram fragmentos de figuras de animais. A partir dessas escavações e estudos publicados por

Bohuslav Kamí, o líder da equipe de arqueólogos, a pesquisadora Tedlock (2008, p. 14) defende que: Além de o esqueleto mais antigo conhecido de um xamã ser o de uma mulher, ela é também a primeira artesã de que se tem notícia que trabalhava com argila e a endurecia com fogo. Não fazia utensílios para casa, e sim talismãs ou figuras de algum tipo, talvez para usá-los em seus rituais e curas espirituais.

Esta autora argumenta que apesar das evidências da linguagem, dos artefatos, representações pictóricas, narrativas etnográficas e relatos de testemunhas, a significativa função das mulheres nas tradições xamanísticas de diversas culturas e épocas foi obscurecida e negada, e o fato de que “corpos e mentes femininos são especialmente dotados do poder de transcendência foi ignorado” (Tedlock, 2008, p. 14).

Sem comentários: basta a leitura.

4. A Mulher como Pajé na Amazônia

Em algumas localidades da Amazônia encontra-se uma forte interdição relacionada à prática da pajelança por mulheres. No entanto, mulheres xamãs ou pajés existentes no território amazônico não são raras, embora ainda encontrem resistência em certas comunidades. Em outras comunidades, contudo, encontram-se

mulheres pajés consideradas mais poderosas até que os homens pajés, como em Soure (Marajó/PA). E em outras situações, é mais comum encontrarmos curandeiras, benzedeiras e parteiras, sendo esta última uma função exclusiva do sexo feminino.

O grande entrave que impede a mulher de exercer a função de pajé é a menstruação, pois a população considera que a mulher não consegue controlar os seus ciclos biológicos, e por essa razão não controlaria os seres e forças que nela atuariam. No período em que a mulher se encontra menstruada, diz-se que ela está “fraca” e não pode incorporar (Cavalcante, 2008). Deve aguardar que a menstruação pare, para voltar às atividades normais da pajelança. Ou então, ela deve aguardar até a menopausa, quando se “hominiza” (expressão empregada por Motta-Maués, 1993), isto é, se assemelha ao estado natural masculino, sem ciclos menstruais, para então exercer seu dom.

Sobre a questão da menstruação, Koss (2004) afirma que o medo ou repulsa diante da mulher surge deste principal fator fisiológico feminino, que é dotado de simbolismo e a partir do qual se criam vários tabus que se diferenciam a cada sociedade. A autora escreve que: O que caracteriza o sangrar da mulher é a sua ciclicidade. Um conjunto de eventos fisiológicos

que iniciam e terminam em um mesmo acontecimento: o fluxo sanguíneo, a menstruação retorna regularmente, como as estações.

Nessa sua regularidade, ela está associada com o primeiro contar do tempo, seja o tempo da coleta e da caça, seja o tempo da sementeira e da colheita, seja o tempo da procriação e da gestação. E assim como o tempo, está também intimamente conectada com a lua, a cujo movimento cíclico respondem os oceanos, o ritmo cardíaco e o próprio pulsar da vida, em seu movimento de expansão e contração (Koss, 2004, p. 14).

A autora defende que em algumas sociedades antigas, em que a mulher exercia certa importância no contexto social e religioso, o sangue menstrual era símbolo de poder e no momento em que a mulher encontrava-se menstruada era capaz de intermediar forças diferentes ou conectar-se com mundos diferentes, pois a mesma estava em uma condição liminar.

Seja no parto, seja na menstruação, é no momento da passagem, quando deixa o interior do corpo da mulher e se manifesta no mundo exterior, que o poder contido no fluxo sanguíneo lança a mulher numa condição liminar, em que vida e morte, consciente e inconsciente se tocam.

Nesses momentos, o véu que separa os mundos é tênue, muito sutil, possibilitando sua transposição. Por essa razão, as xamãs precipitam sua menstruação antes de iniciar um trabalho poderoso. Pela mesma razão, as profetizas e sibilas da Antiguidade Clássica eram jovens mulheres menstruando. [...] A habilidade para mediar as forças entre os mundos está intimamente relacionada com o menstruar (Koss, 2004, p. 15).

Essa situação liminar é provocada em razão de serem atribuídos ao sangue menstrual poderes mágicos ligados tanto à vida quanto à morte, e resulta geralmente em diversas restrições sociais e religiosas para a mulher. Cavalcante cita um estudo de Colpron (2005), sobre um grupo indígena da Amazônia peruana shipibo-conibo, em que a existência de mulheres xamãs se torna frequente.

Segundo Cavalcante (2008, p. 85): [...] nessa sociedade indígena as mulheres conseguem conciliar o papel maternal com as funções xamanísticas, algumas desde jovens começam seu aprendizado, outras apenas após a menopausa. Assim, seu aprendizado vem do ensinamento de outros mestres, salienta a autora que a maior parte delas fora guiada por um mestre masculino.

Motta-Maués (1993) realizou um estudo em Itapuá, vila de pescadores em Vigia, acerca do papel da mulher na comunidade e na religião, e o quanto este papel está relacionado à fisiologia e ao ciclo biológico da mulher. A autora afirma que a mulher é vista como portadora da “desordem”, devido aos seus ciclos biológicos (confusos e incompreendidos pela população masculina itapuaense), enquanto que o homem é o portador da “ordem”. Motta-Maués verifica a existência de áreas definidas como de domínio feminino (a ‘roça’ ou agricultura e a religião católica) e masculino (a pesca, a caça e o xamanismo).

Cavalcante (2008) aponta que em Condeixa (Ilha do Marajó) existe um número considerável de mulheres trabalhando como meuans, categoria que exerce uma assistência ao pajé que a “endireitou”, não atuando ativamente na pajelança. A maior dificuldade de mulheres se tornarem pajés é a não aceitação por parte da família, principalmente do marido, que não aceita a esposa se “libertar” durante os trabalhos, ou seja, beber e fumar. Falar do feminino na concepção desses indivíduos é lembrar-se do papel da mulher enquanto um ser dócil, mãe dedicada e esposa recatada, indício de um forte sistema patriarcal, em que a mãe e os

filhos são figuras subordinadas e dependentes da figura do pai.

No município de Colares (PA), Villacorta (2000) observou que mesmo sendo proibido o exercício do gênero feminino na pajelança, havia mulheres pajés. Porém, elas eram discriminadas por parte da sociedade e chamadas de Matinta-Perera, feiticeiras do imaginário amazônico que, segundo a autora, mescla elementos mitológicos da cultura africana (as mulheres do pássaro da noite), pré-judaica (Lilith) e do cristianismo medieval (a bruxa). Acredita-se que a matinta é uma mulher ora de aparência idosa e feia, ora jovem e bela, que carrega consigo um fardo, herdado de família (de mãe para filha, ou avó para neta), e que se contrariada ou desrespeitada pode lançar um feitiço, doença ou desgraça para um indivíduo. Anda sempre acompanhada de um pássaro negro, que com seu assobio anuncia a presença da bruxa. Já entre as comunidades indígenas a pajelança é exercida na maioria das vezes por homens. No entanto, um fato inusitado ocorreu em 2005 quando duas mulheres indígenas da etnia Yawanawá, no estado do Acre, foram iniciadas pajés: Raimunda Putani Yawanawá e Kátia Yawanawá, naquela época com idades de 27 e 26 anos, respectivamente. A primeira foi uma das cinco mulheres premiadas pelo Senado Federal naquele ano, na 5ª edição

do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, no Dia Internacional da Mulher. A notícia saiu na Folha do Meio Ambiente, em abril de 2005, pelo jornalista Silvestre Gorgulho. Ambas passaram por um período de iniciação, onde ficaram um ano isoladas na mata, obrigadas a fazer abstinência sexual, comer apenas alimentos crus e beber apenas uma bebida especial à base de milho.

Em Soure, foi observado ao longo da pesquisa que é recorrente a prática de pajelança por mulheres, sendo que ao todo foram entrevistados seis “experientes da cura”: duas pajés, um curador, duas curadoras, e uma parteira. A seguir, será abordado especificamente sobre três mulheres curadoras em Soure e sobre suas práticas e saberes de cura e pajelança.

Também basta a leitura.

5. Mulheres que curam.

5.1. D. Flor:

D. Flor é uma senhora simpática entre os 60 e 70 anos de idade, magra, cabelos ondulados e grisalhos abaixo dos ombros, altura mediana, mora com o esposo e os filhos em uma casa simples e com terreno grande, repleta de plantas e flores que ela própria cultiva.

Sua fonte de renda é, principalmente, vender plantas que são utilizadas tanto para decoração quanto para fins medicinais (chás, banhos), e

vender redes de pesca, que ela mesma produz junto com seu esposo. Ela apresentou um pouco de resistência sobre eu tirar fotos suas, o que me impediu de obter qualquer registro visual dela.

Em seu relato ela conta que aprendeu desde moça a lidar com as ervas e que sua mãe a ensinava os mais variados tipos de plantas e suas funções curativas. Ela afirma que é um dom de família, herdado de seus bisavós. Conta também que muito de seu conhecimento vem da própria intuição, ela ouve ou de alguma forma sabe que tipo de erva serve para determinada doença, e que procedimento deve ser feito. Quando se sente insegura ou não sabe que planta utilizar para tratar uma doença, ela se “embrenha” no mato, caminha entre a vegetação até que sinta ou intua que uma planta lhe “chama”.

Ao perguntar-lhe se ela trabalha com pajelança ou se define a si mesma como pajé, ela responde que não, e afirma que o que ela faz são remédios naturais, que não incorpora encantado e nem balança maracá. Contudo, admite que quando sente necessidade, recorre aos cabôcos ou encantados e realiza alguns “trabalhos” a eles pedindo auxílio, mas de forma muito pessoal e individual.

D. Flor defende a importância da cura através das plantas, pois afirma que antes dos médicos e cientistas, eram os curadores e as parteiras

responsáveis pela saúde das pessoas. A dificuldade de se locomover a um grande centro, como Belém, em busca de tratamento especializado faz com que muitas pessoas procurem o pajé ou curador, em vez do médico.

Como explica D. Flor:

Então a gente vive aqui com as plantas naturais, com o remédio natural. E aqui é um interior, se uma pessoa fica doente seja de pneumonia, de qualquer problema sério, aí ele vai pro médico e o que o médico faz?

Encaminha logo pra Belém, e a gente, meu amor, não tem condições... Se for caso de vida ou morte, vai morrer, porque nós não temos avião, o navio não pode chegar lá dentro num piscar de olhos, e como já aconteceu, o paciente morre mesmo, é melhor ficar em casa e morrer, porque não vai ter jeito. Então, a gente prefere logo ir fazendo o tratamento (Entrevista, abril/2009).

Além dos chás e banhos, D. Flor também faz “óleo de bicho”, feito do caroço de tucumã ou da andiroba, que alega ser eficaz na cura de câncer, como o câncer do colo do útero. Outros tipos de problemas, de causa não física, também podem ser curados por meio das plantas, como a inveja ou mau-olhado. D. Flor afirma não cobrar pelos remédios que ensina, pois “quando você se oferece de coração, você está fazendo muita

coisa, você tá fazendo um bem que você não sabe o tamanho que é. Se é de coração, é maravilhoso”, assim ela explica. Além de D. Flor, outra mulher também exerce práticas e rituais de cura em Soure, que é D. Roxita.

5.2. D. Roxita

D. Roxita é uma senhora de 60 anos, robusta, de pele negra, cabelos curtos e escuros.

Segundo seu relato, ela nasceu com o dom, e sua mãe e seu pai teriam sido “médiuns”, mas não aceitavam a própria “mediunidade” e nem a da filha. De acordo com D. Roxita, ela e sua irmã gêmea nasceram juntas com o dom de ser pajé, mas, sem me explicar a causa, sua irmã morreu aos sete anos, idade em que Roxita começou a curar. Sem ser ensinada ou preparada por nenhum outro pajé ou curador, D. Roxita aprendeu seus saberes com Deus, com os santos e os encantados. Ela afirma que tudo o que o pajé sabe é um dom de Deus, e que ele sempre lhe orienta. A respeito de seu particular sincretismo religioso, foi possível observar várias imagens de santos católicos espalhadas por sua casa. Uma de N. S. de Nazaré acima da televisão na sala, um pôster do Círio de Belém pregado na parede, e em seu altar (que fica em um pequeno cômodo da casa, onde realiza as curas) vários outros santos, dentre eles Santo Antônio e São Jorge, indicando claramente o catolicismo como

uma forte expressão de sua religiosidade, assim como elementos de outras religiões também compõem o seu universo de crenças, como a ideia de reencarnação, espíritos perturbadores, e outras provenientes do Espiritismo. É possível observar que suas práticas e crenças se enquadram no “padrão” de pajelança bastante conhecido e estudado por antropólogos e historiadores, que é a pajelança cabocla, propriamente dita.

A pajé explica que pode curar qualquer tipo de doença, quando é para ela, ou seja, quando pode ser tratada com ervas, quando não, ela (e as entidades) recomendam que a pessoa procure o “bata branca”, ou seja, o médico. Com o auxílio dos seres que a guiam, ela pode curar tanto doenças de causa espiritual (perturbação de espíritos, por exemplo) como de causa física (“tocedura”, “quebradura”), embora em casos mais urgentes ela aconselhe procurar o médico. Entretanto, pessoas podem solicitar sua ajuda para diversas outras razões, como encontrar um animal perdido, como testemunhei certa vez um rapaz pedindo ajuda à dona Roxita para encontrar sua égua fugida, pedir para serem “benzidas” ou protegidas espiritualmente.

D. Roxita realiza suas curas em dois lugares, em períodos de muita chuva e quando o ritual não precisar ser muito elaborado, ocorre no pequeno

quarto próximo a sua sala de estar, e em períodos de pouca chuva e quando os rituais são mais complexos, ocorre “na mata” em uma área já especificada pela pajé, ou na praia do Pesqueiro. Ela prefere realizar as curas em meio a natureza, pois afinal, é o meio natural dos encantados e onde a ligação com eles pode ser melhor facilitada.

Ela afirma não cobrar das pessoas os ritos de cura ou remédios que realiza, pedindo apenas o material que for necessário para o trabalho, caso ela própria não tenha esse material em casa. D. Roxita diz que pajé não deve cobrar pelo seu trabalho, pois seria errado cobrar por algo que foi dado por Deus, o dom de curar.

A pajé Roxita relata que aos nove anos de idade ela vivenciou uma experiência muito significativa, que marcou definitivamente sua iniciação na encantaria. Em seu depoimento D. Roxita conta que foi levada para o Fundo, para o mundo dos encantados sob as águas, por uma menina índia encantada, chamada Mayara. A partir dessa experiência, D. Roxita começou a sofrer o que os estudiosos chamam de corrente-do-fundo, dando início de fato a sua preparação como pajé. Seus conhecimentos de cura provêm, segundo a pajé, dos próprios encantados, dos santos e de Deus, que se comunicam com ela por meio de intuição, sonhos, visões.

Atualmente, D. Roxita já entrou no período da menopausa, mas ela explica que durante os dias em que estava menstruada não era permitido realizar cura, pois as suas “correntes estavam quebradas”, voltando as atividades normais somente quando terminado o sangramento. Ela também explica que não deve ter relação sexual três dias antes de um ritual de cura.

5.3. D. Zeneida Lima

A mulher pajé que começou a ser conhecida no Brasil em 1998 e desperta hoje admiração e também discussões polêmicas entre acadêmicos e leigos, é bastante reservada e de difícil acesso. Consegui conversar com dona Zeneida Lima duas vezes, em novembro de 2009 e em julho de 2010, depois de muita persistência, e ainda assim restaram algumas lacunas na pesquisa, pois não foi possível participar ou assistir a um ritual seu de pajelança.

Zeneida Lima possui dezessete livros publicados, sendo o mais famoso “O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó” (2002), atualmente em sua 6ª edição, em que escreve sobre sua infância em Soure, os conflitos familiares, alguns acontecimentos do cenário político da época, sua iniciação na pajelança, alguns conhecimentos de cura, sua estada no Rio de Janeiro, e outros eventos de sua vida até o início da idade adulta. Há, inclusive, um segundo

volume sendo escrito pela pajé para ser publicado em breve, e também um filme de longa-metragem dirigido por Tizuka Yamazaki chamado “Amazônia Caruana”, baseado na obra autobiográfica de D. Zeneida Lima, mas ainda sem previsão de lançamento no cinema. Essa estreita relação da pajé Zeneida Lima com a mídia é um fator que incomoda muitas pessoas, tanto os moradores de Soure, quanto outros pajés e até mesmo os pesquisadores sobre a pajelança.

D. Zeneida nasceu em 21 de julho de 1934 e foi sentada pajé aos onze anos de idade, pelo mestre Mundico de Maruacá, em Salvaterra. A preparação antes do ritual de cruzamento consistiu em algumas ações necessárias a serem feitas pela pajerana, ou seja, aquela que vai ser pajé (LIMA, 2002), que deve seguir uma rigorosa alimentação, tomar nove banhos de ervas um a cada mês na lua crescente, durante nove meses, e não deve olhar para a lua cheia, até o dia do ritual de iniciação. O processo de formação como pajé de D. Zeneida Lima durou um ano e dezessete dias, em que aprendeu com seu mestre sobre os rituais da pajelança (ou pajeísmo, como ela também denomina), o mundo dos caruanas sob as águas, as sete cidades encantadas, as divindades (como o Girador, Patu-Anu, Auí, Anhangá), e outros conhecimentos.

A pajelança, de acordo com D. Zeneida Lima (2002), é um culto oriundo dos indígenas, repassado aos caboclos e que hoje, em nossa civilização “são as últimas marcas de um culto em vias de extinção” (LIMA, op. cit., p.16), pois estaria cada vez mais difusa entre elementos de outras religiões. Os seus saberes e suas práticas seriam a sobrevivência de um culto originalmente indígena das tribos do Marajó. Em entrevista, realizada em julho de 2010, a pajé Zeneida Lima argumenta que a pajelança exercida por ela consiste na “pajelança marajoara”, que difere da pajelança cabocla, provinda do Maranhão.

O pajé, para D. Zeneida Lima, não é somente o instrumento dos caruanas e a ponte de ligação com o mundo dos encantados, mas também um defensor e guardião da natureza e de sua sabedoria. Daí a razão do trabalho que desenvolve com a educação e a ecologia, por meio de uma ONG (Instituição Caruanas do Marajó) que a pajé criou e mantém em Soure.

Os caruanas, conforme esta pajé, são energias das águas, e explica que “são energias do fundo, energias do meio das águas e as energias da superfície, cada um tem, dentro da pajelança, tem um posto, cada um tem uma hierarquia, [...] quer dizer, então, cada um tem um domínio” (entrevista, julho/2010). O domínio que ela se

refere é o local onde reside cada caruana, ou seja, cada praia, rio, igarapé é habitado por um ou mais encantados. Os caruanas são os encantados das águas doces, e possuem caráter “positivo”, enquanto que os encantados das águas salgadas são denominados de caruás, possuem caráter “negativo” e geralmente efetuam malinezas, mas também têm o poder de curar.

Enquanto pajé, D. Zeneida Lima afirma não ter sofrido discriminação pelo fato de ser mulher, e sim pelo fato de ser pajé, pelas práticas que realiza, tendo em vista que a pajelança ainda é uma prática marginalizada. Ela reclama ter sido alvo de perseguição e preconceito, sobretudo em sua cidade. Relata também que durante o período em que estava menstruada ela não poderia realizar pajelança, pois seu corpo “não estava puro para os caruanas” (Entrevista, julho/2010), deveria se alimentar somente de peixe e da parte inferior do mesmo e beber água apenas três vezes no dia. Também não poderia ter relação sexual durante a lua cheia e nem alguns dias antes de uma pajelança. Caso ela não seguisse essas regras, correria o risco de perder seu poder de cura.

Por meio de seu depoimento e de seus livros, percebemos, portanto, que as práticas e crenças desta pajé são permeadas por saberes

construídos a partir de sua própria cultura local, a marajoara, por conhecimentos transmitidos por seu mestre, e por conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, seja por meio de livros que tenha lido sobre o tema, como encantaria, mitologia e cultura amazônica, ou por meio de sua própria experiência e vivência dessa religiosidade.

São verdadeiras cientistas essas três pajés e assim deveriam ser consideradas.

Seu poder mental é muito grande e as universidades deveriam estudá-las.

6. Considerações Finais

O estudo sobre as mulheres pajés na Amazônia está se ampliando cada vez mais e vem demonstrando que elas participam do universo da pajelança de uma maneira ou de outra, seja agindo efetivamente como pajés ou xamãs, seja agindo como serventes ou meuans. Em todo o território amazônico elas são mulheres que curam, são as curandeiras, benzedeiros, parteiras e pajés, que possuem saberes das plantas curativas, da mata, das águas, dos ciclos da lua e da natureza.

Com este estudo foi possível constatar que em Soure, além de existir uma grande diversidade de práticas e crenças de cura e pajelança, as mulheres não são proibidas de serem pajés ou de atuarem na prática da cura. Pelo contrário,

dentre os entrevistados elas representaram quantidade maior do que os homens.

Entretanto, devido ao seu ciclo fisiológico natural e aos simbolismos a ele atribuídos, a mulher pajé deve seguir certas restrições que o homem geralmente não segue. Em período de sangramento menstrual ela não deve realizar nenhum ritual de cura, pois está “impura” ou com as “correntes quebradas”, e também deve seguir uma dieta alimentar baseada em determinados tipos de peixes e não comer a parte da cabeça destes. E dentre outras coisas que devem ou não fazer nesse período, possivelmente não reveladas pelas pajés nas entrevistas.

Por fim, espera-se que esse estudo incentive pesquisas sobre a pajelança cabocla e sobre mulheres pajés na Amazônia, haja vista que esse é um campo de estudo ainda recente, sobretudo sobre a questão da mulher como pajé.

Referências

CAVALCANTE, Patrícia Carvalho. De “nascença” ou de “simpatia”: iniciação, hierarquia e atribuições dos mestres na pajelança marajoara. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPA, 2008.

DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente: 1300-1800. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

HARRIS, Mark. Traços de ser: Panema, santos e natureza na Amazônia. In: Cultura e Etnicidade. Belém, UFPA: Humânitas, 2004. (pp. 57-82).

KOSS, Monika Von. Rubra Força: Fluxos do poder feminino. Coleção Ensaio Transversais. São Paulo: Escrituras, 2004.

LIMA, Zeneida. O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó. 6ª ed. Belém: Cejup, 2002.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: UFPA, 1990.

_____. **Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades. Belém: Cejup, 1999.**

_____. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 22/05/2008.**

MONTAL, Alix de. O Xamanismo. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. “Trabalhadeiras” e “Camarados”: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPA, 1993.

SALLES, Vicente. O Negro no Pará. 2ª edição. Pará: UFPA, 1988.

_____. *O Negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SILVA, Gissele Vanessa Teixeira da. A prática das benzedeadas no mercado do Ver-O-Peso: um estudo sobre mulher, gênero e religiosidade. Trabalho de conclusão de curso em Ciências da Religião, apresentado no Centro de Ciências Sociais e Educação, UEPA. Belém, 2006.

VILLACORTA, Gisela M. Mulheres do Pássaro da Noite: pajelança e feitiçaria na região do Salgado (nordeste do Pará). Dissertação de mestrado em Antropologia da Religião, apresentada no Departamento de Antropologia da UFPA. Belém, 2000.

Mulheres de diferentes idades coprotagonizam evolução nos costumes dos Yawanawá (O Globo, 19/10/2014) “Foi uma nova era para as mulheres, como se elas tivessem finalmente levantado a cabeça depois de séculos. Saíram de debaixo do fogão a lenha”. A frase de Julia Yawanawá, de 33 anos, casada e mãe de oito filhos, descreve o resultado provocado pela vontade individual de Rucharlo Yawanawá de se tornar uma pajé. Ao obter um título e um reconhecimento que antes eram restritos aos homens, Rucharlo foi capaz de equiparar a posição feminina à masculina. E abriu caminho para que Mariazinha se tornasse a primeira

cacique de uma das oito tribos Yawanawá, antes de começar seu processo para também virar pajé. Sem jamais ter lido nenhuma das obras das feministas europeias da década de 1960, que tanto influenciaram as sociedades ocidentais, Rucharlo iniciou uma revolução de gênero.

Historicamente, às mulheres sempre couberam os cuidados com as crianças, a casa e o trabalho pesado na roça. Aos homens, a organização política, a caça, a pesca, as artes da guerra, da medicina tradicional e da religião e a defesa da tribo. Das mulheres também sempre se esperou obediência aos homens.

— Quando éramos crianças, na época do meu avô, os maridos podiam até mesmo matar suas mulheres sem nenhuma punição. Elas eram como animais para eles. Quando iniciei reclusão para ser pajé, fui querendo quebrar esse tabu. Via o quanto as mulheres apanhavam. Quando saísse de lá, prometi a mim mesma que nunca mais ia querer ver um homem bater numa mulher — afirma a pajé, ela mesma vítima de violência doméstica em várias ocasiões.

Cacique ainda come primeiro

As índias contam entre risos alguns episódios em que Rucharlo interveio em brigas de casais.

— Uma vez meu marido estava me puxando pelos cabelos, e ela apareceu com um pedaço de pau e o ameaçou. Ele teve que me soltar. Nos

últimos anos, os homens entenderam que não poderiam mais bater nas mulheres — conta Júlia, que, mesmo tendo uma caçula de apenas 2 anos entre seus filhos, quer cursar o mestrado na Universidade Federal do Acre, com o apoio do marido.

Apesar dessa emancipação feminina recente, vários aspectos do modo de vida antigo seguem intocados. Enquanto descreve com orgulho o empenho de uma de suas filhas para se formar em medicina em uma universidade de Cuba, o cacique Biracy Yawanawá toma café da manhã. À mesa, há apenas uma mulher entre dez presentes: a repórter. As mulheres se apressam em servi-lo com esmero e fartura. Comerão depois que os homens terminarem, junto das crianças. Outra das filhas do cacique, de apenas 14 anos, embala a filha de dois meses nos braços, próxima à mesa. O assunto é delicado. O cacique preferia que a filha tivesse se dedicado a estudar em vez de formar família prematuramente. Mas, diante da gravidez inesperada, aceitou que ela casasse com um primo, 16 anos mais velho. Apesar da diferença de idade, esse tipo de união costuma ser aceita pelos indígenas. Outra particularidade dos Yawanawá é que o cacique pode ter quantas mulheres quiser. Biracy chegou a ter cinco, habitando a mesma casa. Com elas, teve 32 filhos.

Um aspecto tradicional da vida das mulheres está prestes a desaparecer. Há dois anos nasceu a última criança na aldeia, de parto natural. Desde então, todas as crianças foram paridas em hospitais, muitas por meio de cesarianas. As parteiras da tribo estão ficando velhas e dizem que nenhuma mulher jovem quis aprender como realizar um de acordo com a medicina tradicional.

— Elas todas dizem ter medo de fazer o parto, não aguentam nem olhar. E também não querem ter os filhos aqui. Temem sofrer demais, como eu, que passei nove dias em trabalho de parto até que minha filha nascesse — conta Juliana Yawanawá, de 60 anos, que diz ter auxiliado no nascimento de mais de 50 bebês na tribo.

Alguns homens indígenas que hoje trabalham como agentes de saúde na aldeia até mostraram interesse em aprender as técnicas tradicionais, mas o esforço foi em vão: as indígenas só aceitam ser tocadas por parteiras. Se as mulheres conseguiram quebrar o tabu e descobrir os segredos dos pajés, os homens não conseguiram fazer o caminho inverso e conhecer os segredos delas.

Mariana Sanches

Índia Yawanawá vence preconceito e faz revolução feminina na floresta

Rucharlo, de 35 anos, dá novo status às mulheres da etnia em aldeia distante sete horas de barco do município acreano mais próximo

POR MARIANA SANCHES

*

 Ao longo de 12 meses, não se pode tomar água nem comer carne de grandes animais

 Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo*

Ao longo de 12 meses, não se pode tomar água nem comer carne de grandes animais – Domingos Peixoto / Agência O Globo

PUBLICIDADE

TARAUACÁ, Acre – A voz é mansa. O tom é baixo. A fala é pausada. Rucharlo Yawanawá, de 35 anos, conversa como se a tranquilidade a habitasse. Nunca encara o interlocutor nos olhos, não gesticula, não grita ou gargalha. Seus modos contrastam com a revolução que liderou em sua própria vida e na tribo Yawanawá. Em uma aldeia no meio da densa Floresta Amazônica e distante sete horas de barco do município acreano mais próximo, Rucharlo se tornou a primeira mulher pajé — líder espiritual — de seu povo e, talvez, do país. É um raríssimo caso de liderança espiritual indígena feminina no Brasil.

O xamã ou pajé é, ao lado do cacique, a maior autoridade de um grupo indígena. No caso dos Yawanawá, são eles os guardiões dos conhecimentos da tribo, desde a medicina até as artes. Acredita-se que tenham dons sobrenaturais — de adivinhação, de cura e até mesmo de matar inimigos telepaticamente. Fazem também a interlocução entre os vivos e os ancestrais. Segundo a sabedoria indígena, são os espíritos que ensinam ao pajé os segredos mágicos. Tais comunicações acontecem em rituais em que os líderes espirituais tomam ayahuasca (chamada por eles de uni) e inalam rapé (uma mistura de tabaco em pó e da casca moída de uma árvore amazônica chamada por eles de tsunu).

O efeito alucinógeno e estimulante das substâncias permitiria aos xamãs entrar no mundo dos mortos e nos sonhos das pessoas doentes. As doenças, segundo os Yawanawá, sempre têm explicação espiritual. É o xamã quem descobre a causa do problema nessas incursões oníricas. Os pajés gozam de tanto respeito entre os Yawanawá que, com frequência, eles preferem fazer o tratamento religioso a recorrer à medicina convencional. Em caso de picada de jararaca, por exemplo, toda a família faz uma dieta, e a ferida é tratada com ervas, enquanto que, em hospitais

convencionais, normalmente recorre-se à amputação do membro ferido. Dadas a escassez de recursos médicos e a distância entre a tribo e serviços hospitalares básicos, muitas vezes os ritos mágicos do pajé são a única opção.

PROCESSO AFUGENTOU OS HOMENS

Nesse contexto, é de se imaginar que muitos queiram se tornar pajés. Mas, além de vocação, o processo de formação de xamãs exige tantos sacrifícios e provações que, no começo dos anos 2000, a tribo enfrentou uma crise.

— Os pajés foram morrendo, e havia o risco de perdermos esse conhecimento. Os únicos que sobraram foram o Yawá e o Tatá — afirma Rucharlo, referindo-se a dois xamãs que, hoje, têm 102 e 97 anos, respectivamente.

O processo para se tornar líder espiritual é, assim como o uso da ayahuasca, milenar. Até 2005, era também exclusivamente masculino. Para que o conhecimento seja revelado, é preciso que o índio coma um tubérculo considerado sagrado (o mucá) e passe um ano isolado dentro da floresta, sem contato com ninguém além dos demais pajés. A dieta é rigorosa: ao longo de 12 meses, não se pode tomar água nem comer carne de grandes animais. A alimentação se restringe a pequenas quantidades de uma bebida de milho chamada caiçuma e de peixes menores do que a palma da mão, além de banana verde. O recluso

não pode ter contato com alimento adocicado — nem mesmo frutas. Os aspirantes a pajé recebem doses diárias de ayahuasca e de rapé e têm que manter a pele coberta pela tinta preta extraída do jenipapo. Eventualmente, devem tomar pequenas quantidades da saliva de uma jiboia, considerada a dona da sabedoria entre os indígenas. São proibidos de ver ou mesmo ouvir a voz de filhos e companheiros. Sexo, nem pensar. De tão penoso, o processo afugentava os homens.

PUBLICIDADE

— Vários deles já tinham tentado fazer a dieta e não tinham conseguido terminar. Por isso, quando Rucharlo resolveu se candidatar para a missão, esses homens se sentiram humilhados. O povo inteiro se revoltou, a vontade dela soava como um insulto para os espíritos dos velhos ancestrais. Nunca se havia visto nada parecido — afirma Júlia Yawanawá, irmã da agora pajé. Até então, as mulheres eram proibidas até de se sentar ao lado das autoridades religiosas máximas, de tomar a ayahuasca, de participar dos rituais, de cantar as músicas tradicionais do povo.

— Havia muita resistência da tribo porque todo mundo tinha essa ideia de que a mulher não seria capaz de ser pajé — admite Shaneiru Yawanawá, filho do principal cacique Yawanawá.

Até então, a sina de Rucharlo era semelhante à de muitas mulheres da tribo. Casada aos 10 anos, aos 11 ela pariu o primeiro filho, com apenas sete meses de gestação, porque a barriga de criança não comportou o bebê até o fim. Mãe de família tão jovem, ela não pôde estudar. Relata que sofria espancamentos do marido com frequência. Mas ninguém na tribo intervinha diante das marcas arroxeadas no corpo e no rosto de Rucharlo:

— Quando resolvi fazer a dieta, meu marido disse que me largaria, mas para mim isso já não importava. Minha mãe ficou desesperada, achava que eu ia morrer. Os pajés riram de mim. Virei piada, mas fui em frente.

DESENHOS EXPOSTOS NO RIO E EM MINAS

No período da reclusão, começou a desenhar as revelações que recebia. Sem conhecer as letras, ela se fazia entender e registrava seu aprendizado por rabiscos. De tão bonitos, seus quadros já foram expostos em museus no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Com o tempo também descobriu que tinha o dom de “sentir o cheiro das doenças”, como descreve — habilidade fundamental para qualquer curandeiro. Mas, no processo, também chegou muito perto da morte. Aos nove meses de isolamento, acabou sendo levada a um hospital

em Rio Branco com anemia severa. Mal se levantava. Recusou-se a fazer qualquer tratamento:

— Eu tinha que provar que era capaz. Sabia que era minha missão colocar as mulheres em um novo patamar, eu tinha que resistir — afirma Rucharlo, que foi se recuperando aos poucos, com um reforço da alimentação na própria tribo.

PUBLICIDADE

Depois que ela se formou, outras cinco mulheres passaram pelo ritual. Quando a reportagem do GLOBO visitou a aldeia, Mariazinha Yawanawá, de 45 anos, que já é cacique por lá, completava sete meses de reclusão no processo para se tornar também pajé. Suas bochechas macilentas e seu tom de pele pálido denunciavam o sacrifício do corpo. Ela perdera cerca de 20 quilos no período. E já sabia possuir o dom da premonição.

— No ritual, a gente sente falta das coisas mais básicas. Eu sinto muita falta de água. Ao mesmo tempo, não encontro barreiras para o conhecimento. O mundo todo é diferente depois da experiência — disse Mariazinha, em tom quase inaudível e ainda mais lento que o de Rucharlo, em uma entrevista breve e que teve que ser autorizada, segundo os índios, pelos espíritos.

Na crença indígena, pajés são seres evoluídos, a meio caminho entre os vivos e os mortos. Por isso falam vagarosamente e não encaram um olhar. Se o mundo de Rucharlo mudou depois de sua experiência, ela também mudou a tribo e o mundo das demais mulheres da aldeia.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/> – (O Globo, 19/10/2014)

SEGUNDA PARTE

A RAÇA VERMELHA

ÍNDICE

Introdução

Primeira parte: Informações Gerais

1 – Você, cidadão comum

2 – Seus objetivos

3 – O preconceito contra os vermelhos

4 – A oposição das Trevas

5 – Os sub-humanos

6 – O “habitat” dos orionianos no mundo extra físico

7 – A Arte dos orionianos

Segunda Parte: Biografias

1 – Nabucodonosor II

2 – Imhotep

3 – Amitis da Média

Notas

INTRODUÇÃO

Há cerca de 15.000 anos atrás, uma falange de mais ou menos 10.000 espíritos que habitavam um dos planetas da constelação de Órion [1] deixou sua pátria e veio para a Terra com a finalidade de, aqui encarnando em sucessivas vidas, por um período de mais ou menos quinze milênios, tentar ensinar a integração das criaturas humanas terráneas com as sub-humanas, ou seja, os animais, os vegetais e os minerais.

Esse investimento se fazia necessário principalmente por causa do orgulho de parte da humanidade terránea, que, julgando-se superior por sua inteligência em relação aos sub-humanos, tenderiam a escravizá-los, explorá-los desumanamente e até, em longo prazo, provocar sua quase extinção, comprometendo, assim, a própria habitabilidade do planeta Terra.

Porque, sem a presença e a troca energética com os sub-humanos, as criaturas da fase humana não têm condições de viver, uma vez que a Lei Divina da Fraternidade Universal exige que todas as criaturas, de todos os níveis de evolução, se confraternizem e umas colaborem com as outras, sem a mínima possibilidade de sobrevivência de qualquer

uma delas em estado de isolamento ou desconsideração pelas outras criaturas.

Dessa maneira, minerais, vegetais, animais e humanos precisam uns dos outros e estão interligados umbilicalmente.

Quem não entende e pratica essa ideologia ainda terá que viver e sofrer muito para aprender a verdadeira sabedoria, que nisso se resume.

Quando Jesus condensou os Mandamentos de Deus em Amar ao Pai sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, incluiu entre os próximos todos os seres da Natureza, pois não há distinção ontológica entre os humanos e os sub-humanos.

O orgulho é que discriminou os sub-humanos e gerou a devastação da Natureza, provocada sobretudo pela raça branca na Terra.

A missão dos orionianos centraliza-se, sobretudo, na grande lição do “somos todos um”, como veremos no decurso deste livro.

Como se trata a Terra de um mundo onde a brutalidade é uma das características mais marcantes, habilitaram-se a vir para cá apenas os orionianos guerreiros, mesmo quando especializados em Religião, Filosofia, Ciência ou Arte.

Nenhum que não fosse dotado de alto nível de coragem e desprezo pela própria vida corporal ou integridade física.

Se formos analisar a personalidade de cada um deles veremos que sua coragem e destemor é que lhes possibilitou sobreviver neste mundo onde prevalece a “lei do mais forte” e falar e realizar o que estava programado.

O grupo de alienígenas encarnou inicialmente no continente de Mu, exercendo grande influência nas localidades onde habitou naquele continente, o qual alcançou elevado nível de progresso, sobretudo na Ciência do Psiquismo.

A população em geral chegou, todavia, a um ponto tal de desagregação moral que o Conselho Cármico, que dirige o planeta, sob a liderança de Jesus, determinou que desaparecesse nas águas do Oceano Pacífico e assim ocorreu, tal como Atlântida e outras civilizações que a História da Terra não registrou.

O progresso ocorre assim: têm de haver recomeços para que a contaminação energética seja dissolvida e tudo parta materialmente do ponto zero, mas as conquistas positivas são levadas para outros locais, transplantadas planejadamente.

Dessa maneira, poucas civilizações são tão antigas, podendo-se dizer que apenas a China e a Índia perduram desde tempos imemoriais, porque guardam em si uma estrutura mais adequada aos padrões de espiritualidade.

Os povos negativos destroem-se e contaminam energeticamente até o território onde vivem, sendo que, por isso, de tempos em tempos, devem ser os espíritos que os integram levados para outras regiões e ali formem novas civilizações.

A Terra vem evoluindo mais à custa de grandes catástrofes individuais e coletividades do que em obediência aos postulados do Amor Universal.

Mas, quando o continente afundou no Oceano Pacífico, há uns doze milênios atrás, os sobreviventes vieram principalmente para a América e aqui se misturaram com os indígenas primitivos, fundando as civilizações mais avançadas, como as dos incas, maias, toltecas, astecas etc. [2]

Muitos dos sobreviventes foram para o Egito e outros lugares povoados ou não.

James Churchward, no seu livro “O Continente Perdido de Mu”, diz que o “Livro dos Mortos” egípcio se refere aos mortos na grande catástrofe de Mu.

Essa informação contradiz tudo que os egiptólogos acreditam, mas representa a verdade, porque se baseia na existência do continente perdido, enquanto que os historiadores tradicionais desacreditam que Mu e Atlântida existiram.

Essa lacuna na História causa enorme prejuízo ao conhecimento da sucessão dos povos e fica parecendo que a civilização começou há muito menos tempo.

Infelizmente, apesar das muitas fontes históricas existentes, como aquelas em que Churchward se baseou, os acadêmicos, induzidos pelos espíritos das Trevas, querem fazer as criaturas humanas se esquecerem de que muitas delas vieram de outros mundos, como os da raça branca de Capela e os vermelhos de Órion.

O reconhecimento por parte da Ciência oficial do intercâmbio com outros mundos jogaria por terra o materialismo, que é a principal arma dos espíritos das Trevas, que pretendem manter seu domínio sobre larga faixa de criaturas desavisadas deste planeta, as quais acreditam que há apenas uma vida e que, portanto, devem viver em função do próprio egoísmo e das satisfações do corpo e nada mais.

Neste livro vamos citar três individualidades componentes daquela falange

de Órion, para não estender demais a exposição, que deve ser sintética para obter bons resultados, com uma leitura agradável e rápida.

Há um ditado que diz que o orador de sucesso deve seguir o seguinte preceito: “falar alto para ser ouvido, claro para ser entendido e rápido para ser aplaudido.”

Seremos claros e sucintos para não cansarmos os prezados leitores e terminarem a leitura satisfeitos de terem se informado sem excesso de esforço e com pouco desperdício do seu precioso tempo.

Temos a dizer, de início, que, quando da vinda dos orionianos, já havia no planeta as outras três raças: a negra e a amarela, que são originárias daqui, e os brancos já tinham chegado da constelação de Capela.

Sem querer desmerecer a raça branca, mas sem podermos trair nosso compromisso para com a verdade, temos a dizer que a originária raça branca era composta de degredados, que foram compelidos a viver aqui por vários milênios de redenção a fim de poderem retornar à sua pátria de origem.

Muitos deles aqui permanecem e, dessa multidão, vários estão sendo degredados mais uma vez para mundos inferiores à Terra, devido à dureza do seu coração.

O planeta de Quirom. é um dos mundos que receberá essa leva de Hitleres e outros carrascos da humanidade.

O médium que assina esta obra inscreveu-se para acompanhar aqueles degredados a Quirom., sendo que espíritos muito adiantados também seguirão os degredados como Teresa de Calcutá e Joseph Gleber.

Essa mentalidade colaboracionista dignifica o ser humano e mostra seu grau de evolução, que se mede não pela perfeição aparente, mas sim pela prática do Amor Incondicional.

Perante a Balança Divina vale mais um samaritano caridoso que um puritano de coração gelado.

Aliás, foi por isso mesmo que Jesus escolheu Seus discípulos entre gente nem sempre respeitada por virtudes aparentes: Simão Pedro era agressivo, o mesmo se dizendo de João e seu irmão Tiago, Judas era ladrão, Levi era de moral profissional duvidosa, Maria de Magdala era prostituta, Zaqueu era usurário, Paulo de Tarso praticou assassinatos e assim por diante.

Não pretendemos subverter a ordem dos merecimentos, mas sim dizer que há muitos virtuosos apenas de fachada, mas cujo coração

é verdadeiro sepulcro caiado, bonito por fora e podre por dentro.

A verdadeira virtude está no íntimo de cada um e nem sempre é perceptível, pois o que conta é a intenção e não as obras, que podem visar apenas o destaque social e até os interesses escusos.

Esta lição é importante e, por isso, muitos desprezados socialmente valem mais para Deus do que os impolutos e os falsos virtuosos.

Eram alguns milhões de degredados de Capela, enquanto que o número de originários da Terra, compostos de negros e amarelos, eram em número muito maior, ou seja, de muitos e muitos milhões.

Veja-se que os orionianos contavam-se em poucos milhares, enquanto que os vermelhos terráqueos, e que viviam na América, contavam-se em alguns poucos milhões.

Pode parecer insiuficiente o número de orionianos para um planeta que agora tem cerca de sete bilhões de encarnados e um número muito maior de desencarnados.

Todavia, a quantidade de trabalhadores encarregados da valorização das Forças da Natureza não era, e nem é, insuficiente, mas sim adequada para a tarefa proposta.

Ensinar a valorizar as Forças da Natureza é o seu objetivo, como dito linhas atrás, além é

claro, de outros projetos espiritualizantes no relacionamento inter-humano.

Para cumprir a tarefa, os membros dessa falange reencarnaram em todos os pontos do globo, ora em posições de comando ora no anonimato mais absoluto.

Afinal de contas o trabalho com a Natureza não precisa do poder material, mas sim a disposição interna de integração com as forças vivas dos seres que nos rodeiam.

Assim, um índio, no interior da mata, pode realizar muito mais do que um cientista num requintado laboratório.

A energia dos seres da Natureza pode ser manipulada quando se conhece seus segredos e nem tudo se consegue com a tecnologia, mas, para a Ciência da Energia Viva, quase tudo é possível, se assim for autorizado pelos Desígnios Divinos.

Vamos falar sobre algumas das vidas dos seguintes personagens: Nabucodonosor, Imhotep e Ametis da Média.

Escolhemos esses nomes de cada um deles, pois foi nessas encarnações que maiores recursos materiais investiram no seu trabalho de interação com a Natureza.

Outras encarnações deles serão mencionadas, pois, de uma forma ou de outra,

sempre interagiram muito com os sub-humanos.

Os sub-humanos, segundo o ideário da falange de orionianos, são tão importantes quanto os humanos, daí a frase que adotam: “somos todos um”.

Nos trabalhos de cura, que todos eles realizam, com base no poder mental, aliado à manipulação energética, os sub-humanos participam cada um dentro da sua especialidade.

Em outras correntes religiosas ou filosóficas manipula-se apenas a energia humana, o que limita muito os recursos energéticos.

O Espiritismo, por exemplo, admite apenas a contribuição da água, apesar de André Luiz ter falado em outros elementos, mas, afinal, cada um é livre para entender da forma que melhor lhe convém.

Hoje em dia, quando se devasta a Natureza como nunca antes, é importante virmos falar da presença e atuação dessa falange de orionianos na Terra.

Os resultados práticos do trabalho de divulgação das suas realizações são mínimos, porque são discriminados e tidos como “coisas de índio”.

Se os terráqueos não tratarem de utilizar esses esclarecimentos, não poderão reclamar nem pretextar ignorância quando tiverem de encarar um mundo devastado, que eles próprios vão tornando inabitável, e não poderão se curar de muitas doenças, que decorrem da sua não integração com os sub-humanos.

O degelo dos polos vai acontecendo e muitas cidades e países desaparecerão, em longo prazo, para que tudo comece em novas bases, como ocorreu com Mu e Atlântida, por exemplo.

Os negros sempre manifestaram respeito à Natureza ao seu modo, o mesmo se dizendo dos amarelos, apesar dos japoneses atuais terem assimilado um tanto da mentalidade desrespeitosa dos ocidentais quanto à Natureza.

Todavia, são os brancos que mais devastaram a Natureza, o que se pode verificar pelo quadro ecológico da Europa e da América, ambos os continentes dominados pela raça branca.

Quando falamos aqui em raças não nos referimos à cor da pele, pois há muitos vermelhos encarnados em corpos brancos, e assim por diante.

Se os vermelhos, sobretudo os índios, tendem a desaparecer, e desaparecerão em

poucos séculos, é porque a tarefa dos orionianos estará terminada na Terra daqui a pouco tempo.

Não acreditamos que o resultado será satisfatório, como dito, pois, sobretudo os brancos continuam infensos à valorização da Natureza no seu sentido energético, mas os orionianos terão cumprido sua missão.

A questão do livre arbítrio é sagrada e os habitantes da Terra estão recebendo os esclarecimentos sobre a Biologia Cósmica, que afirma que não há nada que não tenha vida, a não ser, por exemplo, a árvore que é morta e se transforma em cadeiras, mesas etc.

A lição é essa, e, por aí, se vê a grave responsabilidade dos que tratam os seres vivos minerais, vegetais e animais como meros produtos descartáveis, dos quais fazem tudo que lhes apraz na sua dureza de coração perante a Lei do Amor Universal.

Ao terminarmos esta Introdução, pediremos aos prezados leitores, não que valorizem os orionianos, agradecendo-lhes o esforço e os sacrifícios de quinze milênios, mas sim que tenham o maior carinho pelos sub-humanos daqui mesmo da Terra, que vêm sofrendo muito, principalmente depois da Revolução Industrial, chegando muitas espécies a desaparecer, enquanto que outras mal

sobrevivem, mas decrescem, o que prejudica o equilíbrio ecológico, gerando doenças novas e um tipo de mal-estar, depressão, drogadição e outros desequilíbrios.

Não há raças superiores e raças inferiores intrinsecamente falando, mas sim especializações, pois todas são importantes.

O que os vermelhos sabem é a Ciência da Natureza, nos seus aspectos energéticos e de utilização para a cura.

Cada uma das outras raças contribuem de outras maneiras e todas somam no contexto geral.

A diversidade é imprescindível e faz parte da vida de todos os mundos.

A Terra precisa valorizar a Natureza mais do que nunca: este é o momento certo de falarmos em favor da sua importância.

Boa leitura e boas reflexões!

PRIMEIRA PARTE: INFORMAÇÕES GERAIS

1 - VOCÊ, CIDADÃO COMUM

Quando se fala em devastadores da Natureza pensa-se logo na Amazônia, mas cada cidadão comum é um devastador, pois, tão logo compra um terreno e pensa em construir,

derruba as árvores, arranca o mato, nivela o terreno, aterrando e desaterrando, com isso agredindo os elementos minerais e vegetais e muitas vezes cobrindo tudo com cimento e concreto.

Você mesmo, prezado leitor, se for analisar sua própria vida, vai verificar que tem contribuído para piorar o mundo ecologicamente falando.

O rio de sua cidade não lhe interessa, os animais mortos nas queimadas que muitos fazendeiros e sitiantes promovem periodicamente, a derrubada de árvores, a presença de ervas de passarinho na maioria das árvores que as prefeituras plantam e não conservam: tudo isso representa a devastação da Natureza.

Cidadão pacato, ordeiro, pagador dos tributos e... devastador da Natureza por ação e na maior parte por omissão.

Se alguém aparece defendendo a Natureza é taxado de ridículo e antiprogressista.

E, assim, as pessoas vão transformando terrenos ricos de vida mineral, vegetal e animal em cidades, condomínios fechados, vias públicas, monumentos e outras barbaridades do mundo “civilizado”.

Coloque a carapuça na cabeça e pare de criticar as grandes companhias, que devastam a Amazônia.

Pare de colocar a culpa nos outros e comece a realizar você mesmo, dentro dos limites da sua área de influência.

Seja corajoso!

2 - SEUS OBJETIVOS

Se você quer saber quem você é, veja quais são seus objetivos na vida.

A gente vê grandes criminosos justificando suas maldades com os sofrimentos

vividos na infância ou outros fatos ocorridos, que lhes causaram grandes mágoas.

Um Adolf Hitler, um Stalin e outros carrascos da humanidade sempre arranjarão pretextos para arrasar seus semelhantes.

Estudar a biografia dos piores elementos sempre mostra escusas que eles apresentam para fazer o mal que fazem.

Mas, como dito acima, cada um pode avaliar-se pelos valores que norteiam sua conduta.

A supervalorização do ego mostra que uma criatura humana ainda transita pelos ínvios caminhos da primariedade espiritual.

Há quem sobreponha seus interesses aos das outras criaturas de forma cruel e fria e isso demonstra que se trata de um ser mau, que, um dia, pode tornar-se bom, mas ainda não o é.

A maioria dos heróis e santos, glorificados pela Historiografia terrena, faz parte desse grupo egocêntrico, que consegue enganar as pessoas com seu falso idealismo e, quando chega na dimensão extrafísica, pelo fenômeno da morte, verifica que não faz jus a recompensa alguma que julgou merecer.

Muitos desses aderem às falanges do Mal e tornam-se seus intermediários, prejudicando pessoas e mesmo comunidades inteiras.

Quantos santos de pau oco e heróis de fancaria!

Nossos personagens, sem serem perfeitos, procuraram sempre o Bem, ou seja, contribuir para o progresso da coletividade terrena.

O anonimato não significa ser desconhecido, ser pobre ou viver esfarrapado, mas sim trabalhar pelo Bem sem visar recompensa, mas pelo simples prazer de ser bom para com todos.

Uma Teresa de Calcutá, por exemplo, viveu dessa forma e citamos sua vida como modelo para ficar fácil entender o que pretendemos dizer com a expressão “anonimato”.

Nossos personagens visaram, nas suas vidas, o anonimato, mesmo quando ocuparam posições de destaque.

Sabiam que estão aqui na Terra para trabalhar pelo Bem e que retornarão ao seu mundo com a medalha moral da vitória somente se servirem por ideal, por Amor Incondicional, por Amor Universal.

Vamos mencionar, nos itens próprios, as contribuições que deram para a valorização dos sub-humanos, direta ou indiretamente, visando a implantação da ideia da Família Universal, que não inclui apenas os humanos,

mas também aquelas criaturas que ainda não chegaram a essa fase evolutiva.

3 - O PRECONCEITO CONTRA OS VERMELHOS

Afirma-se que há o preconceito racial contra os negros, o que é uma verdade, mas o preconceito contra os vermelhos é maior ainda.

Você, prezado leitor, pode conferir isso, por exemplo, ao consultar a Wikipédia e

verificar que há um item dedicado aos brancos e outro aos amarelos, mas não encontrará nenhum tratando dos vermelhos e nem dos negros.

Quando dissemos que o preconceito contra os vermelhos é maior ainda não estamos exagerando e a questão indígena no Brasil é tratada com desprezo, sendo que a maioria da população acha injusto eles terem suas reservas e desaprova as cotas em seu favor nas universidades públicas.

Os afrodescendentes, no Brasil, formam praticamente a metade da população e organizam-se, exigindo tratamento igualitário, enquanto que os indígenas brasileiros não chegam a 300.000 e são desunidos e, por isso, sem força política.

Recomendamos a leitura de um livro intitulado “Os Índios do Brasil”, assinado pelo médium e Vera Lúcia Ribeiro Rodrigues.

4 - A OPOSIÇÃO DAS TREVAS

Há quem pense que quem trabalha na Luz está isento da perseguição das Trevas, mas acontece justamente o contrário, pois estas se sentem prejudicadas em seus interesses malsãos pelas ingerências dos que propugnam pelo Bem.

Amitis da Média foi Joana, que se tornou papisa, e, com isso, “invadiu” o reduto das Trevas, que se concentra no Vaticano, e, por isso, é perseguida desde aquela época. Talvez, de todos os membros da falange dos orionianos, a mais perseguida seja Joana, pois foi a que penetrou mais fundo no reduto das Trevas, porque seu mandato durou mais de três anos e ela tomou ciência de terríveis segredos da Igreja Romana, o que magoou profundamente os mandantes da instituição que se diz representante do Cristo na Terra e, por isso, lhe riscaram o nome do rol dos papas.

Nabucodonosor foi Davi, que tem seu nome usurpado pelos adeptos do Judaísmo, que não levam em conta seus ideais que ultrapassam os interesses desse povo, que pretende ser mais filho de Deus que os demais povos da Terra.

Salomão ainda tem seu nome usurpado pelos judeus, que lhe atacam a honorabilidade por ter adotado uma crença mais universalista nos seus anos finais de vida.

Em suma, até os adeptos costumam ser interesseiros e querem levar vantagem em cima dos seus ídolos, mestres, gurus e orientadores: é uma triste realidade da Terra.

As Trevas articulam de tal forma que os ensinamentos mais importantes dos mestres e

suas realizações mais relevantes em termos espirituais acabam no esquecimento ou são desvirtuados.

Se formos procurar os ensinamentos e os feitos mais importantes de cada missionário do Bem não os acharemos ou estarão desfigurados: isso é uma tática das Trevas, que dá excelentes resultados para a desinformação das pessoas e, portanto, a manutenção da dúvida, com retardamento do progresso espiritual da Terra.

E, caros leitores, os estrategistas das Trevas costumam ser justamente aqueles que você endeusa como santos, sadhus, heróis etc. etc.

Mas o ego inflado é que os faz preferir o papel de vilões, porque não aceitam nenhuma perda de poder: preferem o poder no Mal ao anonimato no Bem.

Os ataques das Trevas são permanentes em cima dos trabalhadores da Luz, através de várias estratégias, como as doenças, a desarmonia familiar, a desconfiança de amigos etc., até a causação da morte, como ocorreu com Gandhi, Sócrates, Martin Luther King, Prabhupada, John Kennedy, Robert Kennedy, Juscelino Kubitschek, os médiuns do Dr. Fritz Zé Arigó, Edson Queiroz etc.

Há outros orionianos, cuja biografia não abordamos aqui para não estender demais este

livro, mas são eles a que ficou conhecida como Teodora, esposa de Justiniano; o próprio Justiniano, que foi Manco Capac, e se apresenta atualmente como Zé Grosso; Placila, mãe de Honório e Arcádio; Paulo de Tarso, que se apresenta como Caboclo Arranca Toco; João, irmão de Tiago, discípulo de Jesus, que usa o pseudônimo de Pai João de Aruanda; Hipócrates, que realiza cirurgias através de médiuns, com o nome de Dr. Fritz; muitos ex-generais de Davi, que aparecem agora com os identificativos de caboclos, índios e pretos velhos etc. etc.

Os orionianos sofrem acirrada perseguição das Trevas, constantes, sobretudo, dos elementos da raça branca originária (não necessariamente criaturas de pele branca), porque seu trabalho incomoda tremendamente aqueles que procuram distanciar as criaturas humanas da Natureza, sabendo que, quanto mais distantes estiverem, mais serão prejudicados em sua Ciência, sua Filosofia, sua Religião e sua Arte.

Para dominar mais fácil as mentes invigilantes basta distanciar as criaturas humanas da Mãe Natureza, que o resto é mera consequência.

Enfrentam as falanges das Trevas com a forma e articulação de um verdadeiro exército,

pois que, realmente, o é e tem como comandante supremo um deles, que prefere não ser identificado.

Nessas arremetidas são utilizados animais como leões, panteras, águias, lobos e outros, aliás, tal como André Luiz afirma no seu livro “Libertação”, mas que os espíritas preferem ignorar.

5 – OS SUB-HUMANOS

Há dez milênios atrás o número de leões só era ultrapassado pelo de humanos em se considerando os mamíferos terrestres, sendo de se observar que eles não eram ferozes, como o são atualmente.

Os animais passaram a encarar os humanos como inimigos perversos e, realmente, os têm sido à medida que o mundo se “civiliza”.

Hoje em dia o máximo que se vê em termos de interação entre humanos e animais são os cães e gatos de estimação, que, aliás, pouca gente faz questão de ter em sua companhia, alegando que dão muito trabalho e despesas.

Lembram-se as pessoas mais antigas que os animais domésticos eram criados com sobras de alimentos da cozinha comum e atualmente inventaram-se rações, medicamentos e até vestuários e calçados para cães, o que representa uma “frescura” muito grande, fazendo com que quase ninguém se habilite a ter animais domésticos.

Quanta artificialidade vemos e quanta justificativa sem base para o distanciamento dos humanos em relação aos bichos!

A pretexto de preservação das aves, a legislação praticamente impede que esses animaizinhos vivam em companhia de quem os ama, como acontecia há cinquenta ou sessenta anos atrás.

Quanto aos vegetais, podem os prezados leitores com mais de sessenta anos de idade lembrar-se de suas moradias, onde sempre havia um jardim na frente e um pomar e uma horta nos fundos.

Hoje todo mundo quer morar em apartamentos os mais luxuosos e artificiais possíveis, onde há apenas um ou outro vaso de planta, que costumam sequer ser aguados e servem apenas de enfeite, como se fossem jarros ou quadros sem vida.

Os minerais, que aqui representamos nas pedras de várias espécies, essas, pior ainda, são jogadas fora tão logo se inicia a construção de uma casa ou prédio.

O contato com esses seres todos é de vital importância dentro da ideologia do “somos todos um”.

Se não há condições de morarmos no meio de uma mata, por onde passe um regato de águas limpas, convivendo com os bichos domésticos, pelo menos devemos integrar nossa vida nesse tipo de realidade dentro do possível, caso não queiramos ir fenecendo aos poucos e chegarmos aos quadros de depressão e doenças degenerativas, que somente apareceram depois que os seres humanos passaram a viver sem as trocas energéticas necessárias com os sub-humanos.

A vida é uma dádiva de Deus e foi dada a todas as criaturas e não apenas aos humanos.

Se nos orgulhamos a tão propalada inteligência, devemos saber que todas as formas de vida têm sua inteligência peculiar e a nossa não nos

exime de trocar energia com as outras, somando como quem precisa de frutas, legumes, verduras, carne etc. para se alimentar e ficará subnutrido se escolher apenas um tipo de alimentos.

A interdependência dos seres é uma regra que não tem exceções.

Montaigne ditou, pelo médium, um livro intitulado “A Interdependência dos Seres”, que pode ser baixado da Internet nos blogs www.luizguilhermemarques.com.br, www.cienciacosmica.com.br e www.ascasasdavida.com.br.

Os vermelhos têm esse conhecimento para ensinar e é isso que têm feito aqui na Terra desde que aqui chegaram.

Não adianta as criaturas humanas se entupirem de medicamentos e viverem distanciadas das energias da Grande Mãe Natureza.

Mas essa convivência deve ser consciente de que estamos sempre trocando energia com essas criaturas, ou seja, dando e recebendo eflúvios de alto poder curativo.

Não basta colocar uma planta no seu quintal e achar que ela irá beneficiá-lo se você não se colocar em sintonia com ela, considerando-a como sua parente, como fazem os índios, que

vêm nos sub-humanos seus parentes de verdade.

A arrogância humana chega ao ponto de achar que somente os que andam vestidos de calça e camisa ou saia e viajam de carro e moram em casas de cimento e tijolo são dignos de respeito, enquanto que as criaturas que se vestem de pelagem natural, caminham sobre quatro patas ou têm asas de pena são desprezíveis, perigosas, sujas e transmissoras de doenças.

E as plantas devem ser cortadas para não darem trabalho.

Também acham que o mundo mineral somente atrapalha a construção de casas, estradas, shopping centers, prédios e outras formas de arrasamento da vida natural.

A imbecilidade humana pensa tudo isso e estará cada vez mais desgraçando as criaturas, até ao ponto de faltar água nas cidades e as doenças se generalizarem e tornarem inviável a vida humana na Terra.

Eis a mensagem que transmitimos em defesa dos sub-humanos: escolham a opção de valorizá-los ou a da morte de todas as formas de vida, inclusive a humana.

As palavras têm de ser duras para seres humanos duros de coração.

6 – O “HABITAT” DOS ORIONIANOS NO MUNDO EXTRAFÍSICO

Depois da publicação do livro “Nosso Lar”, de André Luiz, muitos espíritas pretendem ir habitar aquela cidade espiritual depois do decesso físico.

Acontece que há muitas cidades no mundo astral, o que não significa que todos os desencarnados estejam obrigados a morar nelas.

Os membros da falange a que nos referimos habitam o interior das matas onde

não há nenhuma presença de humanos encarnados e outros lugares semelhantes.

Afinal, para que precisam de casas, ruas, veículos de transporte e outros recursos puramente materiais?

Trabalham com as Forças da Natureza e ali essas Forças estão presentes em toda sua pujança.

Ir morar em localidades onde não há esse tipo de energia pura dos sub-humanos seria um contrassenso, ou não?

Cada espírito tem sua especialização e os dessa falange, como dito, são especializados na manipulação das Forças da Natureza.

Alguém pode entender que são primários, primitivos e, realmente, apresentam-se como índios, caboclos e pretos velhos, mas assim o fazem em obediência à ideia do anonimato.

Já viveram muitas vidas nos meios ditos “civilizados”, mas sua preferência é pelos ambientes onde a Natureza não foi contaminada pelas vibrações pesadas dos humanos.

Não significa que sejam melhores e nem piores que os outros humanos, mas simplesmente que sua energia se casa com a dos seres sub-humanos no sentido de esta ser-lhes vital para a boa disposição para o trabalho que realizam e sua paz interior.

Se as pessoas tivessem acesso aos nomes que esses índios, caboclos e pretos velhos já envergaram quando encarnados tenderiam a duvidar da sua identidade, mas, para eles, é preferível estarem a trabalhar anonimamente a esnobarem nomes que ficaram no passado.

Afinal, os nomes valem apenas para a encarnação que se está vivendo e nada significarão para as seguintes, tanto quanto o destaque social, o patrimônio e até o nível cultural.

Muitas missões importantes são desempenhadas por encarnados analfabetos quando esse requisito seja necessário.

Habitam, sim, as matas, os recantos isolados da presença humana e outros pontos onde realizam trocas energéticas importantes com os Reinos animal, vegetal e mineral.

Portanto, não é todo mundo que mora ou quer morar em “Nosso Lar” e outras colônias desse tipo.

Sem nenhum menosprezo a esse tipo de residência do mundo extra físico, podemos dizer que só interessa a quem sintoniza com esse tipo de aglomeração humana.

7 – A ARTE DOS ORIONIANOS

Suas manifestações artísticas têm tudo a ver com a Natureza.

O que não engrandece a Natureza não é originário dos membros dessa falange.

A Arte que distancia o ser humano da Natureza não é a nossa.

Analistem, prezados leitores, e verão que pelos frutos se conhecem a árvore.

Nossa Arte não é melhor nem pior que as de outras tendências, mas é peculiar.

As várias modalidades de Arte têm muito a ver com o tipo de matéria-prima utilizada, evidentemente.

Todavia, pela sua sintonia com a Natureza, a diferença é gritante entre os artistas vermelhos e os das outras três raças.

Daremos um exemplo na peculiaridade das composições musicais de Daniel Namkhay. Ele próprio se qualifica como músico intuitivo. Toca vários instrumentos por ele mesmo fabricados com o que vai encontrando pronto no grande laboratório da Natureza.

Vários pintores têm-se manifestado através do médium.

Seguem algumas dessas obras:

SEGUNDA PARTE: BIOGRAFIAS

1 – NABUCODONOSOR II

Primeiramente vamos transcrever o que a Wikipédia informa sobre ele, o que é interessante para os leitores terem uma ideia inicial de quem se trata.

“Nabucodonosor II, Nebucadrezar ou Nebucadnezar (na ortografia babilônia Nabu - kudur - uzur, Nebo, proteja a coroa! ou Nebo, proteja as fronteiras!) foi o filho e sucessor de Nabopolassar, rei da Babilônia que libertou o reino da Assíria e destruiu Nínive.

Em uma inscrição, ele se chamava de o favorito de Nebo. Foi o mais poderoso rei da Babilônia. Ele se casou com uma filha de Ciáxares, unificando as dinastias da Babilônia e da Media.

Após Neco II, faraó do Egito, haver derrotado os Assírios em Carquêmis, as províncias da Síria que estavam sob controle dos assírios passaram ao controle egípcio, enquanto que as demais províncias assírias foram divididas entre os medos e os babilônios; Nabopolassar, porém, pretendia conquistar a Síria, e lutou contra Neco, em Carquêmis, derrotou os egípcios, e conquistou a Síria e a Israel.

Nabucodonosor também conquistou a Israel (este território ainda não tinha recebido o nome de Palestina), tomou Jerusalém, e levou judeus cativos para a Babilônia, inclusive o profeta Daniel. Em 598 a.C., após a revolta de Joaquim de Judá, que tinha o apoio do faraó Neco, Nabucodonosor o derrota. Nabucodonosor derrota os judeus uma terceira vez, e leva cativo o rei Jeconias de Judá em 597 a.C. Na última revolta, de Zedequias, Nabucodonosor arrasa Jerusalém (586 a.C.), fura os olhos de Zedequias e o deixa prisioneiro por toda a vida. Nabucodonosor também lutou, no trigésimo ano de seu reinado, contra Amósis II, faraó do Egito.

Ele reconstruiu e adornou a Babilônia com canais, aquedutos e reservatórios. De acordo com o Easton's Bible Dictionary, 9/10 dos tijolos das ruínas da Babilônia, e 19/20 das demais ruínas, contém o nome de Nabucodonosor inscrito nelas. Ele provavelmente construiu ou reformou toda cidade ou templo no seu país.

Ele reinou sobre o maior reino jamais visto na Terra, e tinha o título de "reis dos reis".

No final de sua vida, após haver punido os judeus, jogando-os na fornalha ardente, Nabucodonosor sofreu de uma doença mental, com sintomas parecidos com a licantropia. Ele sobreviveu à loucura, e morreu em c. 562 a.C., aos oitenta e três ou oitenta e quatro anos de idade, após haver reinado por quarenta e três anos, e foi sucedido por seu filho Evil-Merodaque.

Seus sucessores tiveram reinados breves. Evil-Merodaque reinou por dois anos, foi sucedido por Neriglissar (559 - 555), este por Nabonido (555 - 538) em cujo reinado a Babilônia foi conquistada por Ciro, o Grande.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Nabucodonosor_II)

A alegada licantropia fica por conta da birra dos judeus, porque, na verdade, o famoso criador dos Jardins Suspensos da Babilônia

realizou essa maravilha do Reino Vegetal não para distrair sua esposa, mas sim porque ambos e outros iniciados na Ciência Secreta estudavam, cultivavam e utilizavam aquelas plantas medicinais e também as chamadas “plantas de poder”, que contém alto teor de elementos curativos e algumas são alucinógenas.

Infelizmente, os consagrados Jardins ficaram conhecidos na História apenas pelo lado material, no caso, o lado estético, como sói acontecer com todas as grandes ideias e realizações dos missionários da evolução, que são distorcidas ou ignoradas propositalmente, por indução das Trevas.

Aqueles Jardins, que foram considerados como uma das sete maravilhas do mundo antigo, eram um campo avançado de estudo da Medicina Espiritual, com aproveitamento da energia dos seres vegetais.

Vejamos o que a Wikipédia informa sobre o assunto:

“Os Jardins Suspensos da Babilônia são uma das sete maravilhas do mundo antigo. São, talvez, uma das maravilhas relatadas sobre a qual menos se sabe. Muito se especula sobre suas possíveis formas e dimensões, mas nenhuma descrição detalhada ou vestígio arqueológico foi encontrada, exceto um poço

fora do comum que parece ter sido usado para bombear água.

Tradicionalmente, acredita-se que tenha sido construído na antiga cidade da Babilônia, próximo de onde atualmente se localiza a cidade de Hillah, no Iraque. Nas obras de Josefo, encontram-se citações ao sacerdote babilônico Beroso, que teria escrito em aproximadamente 290 a.C. que os jardins suspensos eram obra do rei neobabilônico Nabucodonosor II, que governou entre 605 e 562 a.C.. Não há textos babilônicos existentes que mencionem os jardins e tampouco foram encontradas evidências arqueológicas na Babilônia que comprovassem sua existência.

Em virtude da falta de evidências, tem sido sugerido que os Jardins Suspensos são puramente míticos, e que as descrições encontradas nos escritos gregos e romanos antigos (incluindo Estrabão, Diodoro Sículo e Quinto Cúrcio Rufo) representam apenas um ideal romântico de um jardim oriental. Se ele de fato existiu, foi destruído em algum momento após o primeiro século d.C.

Alternativamente, o jardim original pode ter sido, na verdade, um bem documentado que o rei assírio Senaqueribe (704-681 a.C.) construiu em sua capital, Nínive, sobre o rio Tigre, próximo da cidade de Mossul.

No que tange à textos antigos, os Jardins Suspensos da Babilônia foram descritos pela primeira vez por Beroso, sacerdote de Marduk, que escreveu aproximadamente em 290 a.C., embora seus livros sejam conhecidos apenas por citações de autores posteriores (como por exemplo, Flávio Josefo). Há cinco principais escritores (incluindo Beroso) cujas descrições da Babilônia ainda existem em algum formato hoje. Estes escritores se preocuparam principalmente em descrever o tamanho dos jardins, por que e como foram construídos e como eram irrigados.

Josefo (cerca de 37-100 d.C.) cita Beroso ao descrever os jardins. Beroso, por sua vez, descreveu o reinado de Nabucodonosor II, e é o único escritor a creditar a construção dos Jardins Suspensos ao imperador.

Neste palácio ele ergueu calçadas muito altas, sustentadas por pilares de pedra; e plantou o que foi chamado de paraíso suspenso, e encheu-o com todos os tipos de árvores, o que lhe rendeu a perspectiva exata de um país montanhoso. Ele fez isso para satisfazer sua rainha, pois ela havia sido criada em Media, e gostava de locais montanhosos.

Os textos de Diodoro Sículo (ca. 90 a.C. — 30 a.C.) assemelham-se aos de Ctésias de Cnido,

escritos no século 4 a.C., ao descrever os Jardins Suspensos:

Houve também, ao lado da Acrópole, o Jardim Suspenso, como é chamado, que foi construído, não por Semíramis, mas por um rei da Síria mais tarde para agradar uma de suas concubinas; ela, dizem eles, sendo um persa por origem e sentindo saudade de suas montanhas, pediu ao rei que imitasse, através de um jardim plantado, a paisagem distinta da Pérsia. O jardim se estendia por quatro plethras de cada lado, e uma vez que a perspectiva para o jardim devia ser inclinada como uma colina, as várias partes da estrutura aumentavam de camada em camada, assim, a aparência do conjunto assemelhava-se a um teatro. Como os terraços ascendentes tinham sido construídos, debaixo deles foram construídas galerias que sustentavam todo o peso do jardim plantado e levantavam-se pouco a pouco um sobre o outro ao longo da paisagem; e a galeria superior, que tinha cinquenta côvados de altura, deu maior superfície ao jardim, que foi feito ao nível das muralhas da cidade. Além disso, as paredes, que tinham sido construídas com grandes custos, tinham 22 pés de espessura, enquanto a passagem entre cada parede tinha dez pés de largura. O telhado acima dessas passagens tinha uma camada de juncos fixados com

grandes quantidades de betume, sobre duas faixas de tijolos cozidos ligados por cimento, e com uma terceira camada de revestimento de chumbo, a fim de que a umidade do solo não pudesse penetrar. Acima de tudo isso a terra tinha sido empilhada até uma profundidade suficiente para as raízes das árvores maiores; e o chão, quando estabilizado, foi densamente coberto com árvores de toda espécie que, por seu grande tamanho ou por outro encanto, poderiam dar prazer a quem as visse. E as galerias, projetavam-se para além de outras, de forma que todas recebiam a luz; (...) havia uma galeria que continha aberturas que conduziam à superfície superior as máquinas para o abastecimento dos jardins com água, máquinas que levavam a água em grande abundância do rio, embora ninguém de fora pudesse ver isto sendo feito (...).

Quinto Cúrcio Rufo (século I d.C.) se refere aos escritos de Cleitarchus (século IV a.C.), um historiador de Alexandre, o Grande, ao escrever História de Alexandre o Grande:

Os babilônios também têm uma cidadela com vinte estádios de circunferência. As fundações de suas torres estão afundadas a 30 pés do chão e as fortificações sobem 80 pés acima dele no ponto mais alto. Na sua cimeira estão os jardins suspensos, uma maravilha

celebrada pelas fábulas dos gregos. Eles são tão elevados como o topo das paredes e devem seu charme para a sombra de muitas árvores altas. As colunas que sustentam todo o edifício são construídas de rocha, e em cima delas há uma superfície plana de pedras cortadas fortes o suficiente para suportar a camada profunda de terra colocada sobre elas, e a água utilizada para a irrigação. A estrutura suporta árvores robustas que possuem troncos com oito côvados de largura e altura de quase 50 pés; elas dão frutos tão abundantemente como se estivessem crescendo em seu ambiente natural. E, embora o tempo com seus processos de deterioração gradual seja tão destrutivo para obras da natureza como para as do homem, este edifício sobrevive intacto, apesar de ser submetido à pressão de tantas árvores e de ter que suportar o peso de uma enorme floresta. Ele tem uma infraestrutura de paredes com 20 pés de espessura em intervalos de onze pés, de modo que com a distância têm-se a impressão de árvores que pendem sobre as montanhas nas florestas reais. Diz à tradição que é o trabalho de um rei sírio que governou a Babilônia. Ele construiu isso por amor a sua esposa, que perdeu os bosques e florestas no país plano e convenceu o marido a imitar a beleza da natureza com uma estrutura deste tipo.

Estudos e controvérsias

Esta cópia feita em baixo-relevo do Palácio Norte de Assurbanípal (669-631 a.C.) em Nínive mostra um luxuoso jardim regado por um aqueduto.

Existem controvérsias a respeito de os Jardins Suspensos terem realmente existido ou terem sido apenas uma criação poética, principalmente devido à falta de documentos babilônicos preservados. Nos poucos de que se tem conhecimento, também não há menção a esposa de Nabucodonosor, Amyitis (ou quaisquer outras esposas), embora um casamento político para uma Persa de Media fosse comum na época. Heródoto, escrevendo sobre a Babilônia próxima do tempo Nabucodonosor II, não menciona os Jardins Suspensos em suas Histórias.

Até o momento, nenhuma evidência arqueológica dos jardins foi encontrado na Babilônia. Porém, é possível que estas evidências estejam soterradas abaixo do rio Eufrates, no entanto, por questões de segurança, o rio ainda não pode ser escavado. Na época de Nabucodonosor II, o rio corria a leste de sua posição atual, e pouco se sabe sobre a parte ocidental da Babilônia. Rollinger sugeriu que Beroso atribuiu a construção dos jardins a Nabucodonosor, na verdade, apenas

por razões políticas, e que ele havia adotado a lenda de outro lugar.

Uma teoria recente propõe que os Jardins Suspensos da Babilônia foram realmente construídos pelo rei assírio Senaqueribe (r. 704-681 a.C.) em seu palácio em Nínive. Stephanie Dalley postula que durante os séculos seguintes os dois locais acabaram se confundindo, e os extensos jardins do palácio de Senaqueribe acabaram sendo atribuídos à Babilônia de Nabucodonosor II. Recentemente foi descoberto um vasto sistema de aquedutos com inscrições de Senaqueribe, que Dalley propõe terem sido parte de uma série de 50 milhas (80 km) de canais, barragens e aquedutos utilizados para transportar água para Nínive, usando bombas de parafuso para elevá-la até os jardins.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Jardins_Suspensos_da_Babil%C3%B3nia)

São exemplos de “plantas de poder”: jacube, peiote, trombeta, cacto etc.

Muitas foram suas vidas em contato direto com a Natureza, como, por exemplo, quando foi Cunhambebe (século XVI) e Sepé Tiaraju (século XVIII), índios que viveram no Brasil e também como Erik Erikson (século XX), este último que estudou a Cultura dos índios americanos.

2 – IMHOTEP

Foi um importante médico no Egito antigo, que utilizava as Forças da Natureza nos tratamentos na instituição denominada Casa da Vida (“Per Ank”).

Posteriormente, foi, pelo menos, em duas encarnações conhecidas, índio no Brasil, companheiro de Cunhambebe e de Sepé Tiaraju, acima referidos.

Integrado de corpo e alma na Natureza, vem desempenhando missões relevantes principalmente na área de cura.

A Wikipédia informa:

“Imhotep (por vezes grafado Immutef, Imhotep ou Ii-em-Hotep; em egípcio: ii-m-ḥtp *jā-im-ḥatāp, lit. "aquele que vem em paz"; chamado pelos gregos de Ἰμυθεῖς, transl. Imuthes ; fl. século XXVII a.C., ca. 2655-2600 a.C.) foi um polímata egípcio, que serviu a Djoser, rei da Terceira Dinastia, na função de vizir ou chanceler do faraó e sumo-sacerdote do deus-sol Rá, em Heliópolis. É considerado o primeiro arquiteto, engenheiro e médico da história antiga , embora dois outros médicos, Hesy-Ra e Merit-Ptah, tenham sido contemporâneos seus.

A lista completa de seus títulos é:

Chanceler do Rei do Egito, Doutor, Primeiro na linhagem do Rei do Alto Egito, Administrador do Grande Palácio, Nobre hereditário, Sumo Sacerdote de Heliópolis, Construtor, Carpinteiro-Chefe, Escultor-Chefe, e Feitor-Chefe de Vasos.

Imhotep foi um dos poucos mortais a serem ilustrados como parte de uma estátua de um faraó. Foi um de um grupo restritíssimo de plebeus a quem foi concedido o status divino após a morte; o centro de seu culto era Mênfis. A partir do Primeiro Período Intermediário Imhotep também passou a ser reverenciado como poeta e filósofo. Suas palavras eram mencionadas em poemas: "Eu ouvi as palavras de Imhotep e Hordedef, de cujos discursos os homens tanto falam."

A localização da sepultura de Imhotep, construída por ele próprio, foi escondida com absoluta cautela, e permanece desconhecida até os dias de hoje, apesar dos esforços para encontrá-la. O consenso acadêmico é de que ele estaria escondido em algum lugar de Sacara. A existência histórica de Imhotep é confirmada através de duas inscrições contemporâneas feitas na base, ou pedestal, de uma das estátuas de Djoser (Cairo JE 49889), bem como um grafito na muralha que circunda a pirâmide interminada de Sekhemkhet. A segunda inscrição sugere que Imhotep teria vivido por alguns anos depois da morte de Djoser, e ajudou na construção da pirâmide do rei Sekhemkhet, abandonada devido ao breve reinado deste soberano.

Sacara

**Imhotep arquitetou a primeira pirâmide do Egito - a pirâmide de Sacara, com seis enormes degraus, e que atinge aproximadamente 62 metros. As primeiras pirâmides do Egito eram formadas por degraus, que nada mais eram que mastabas empilhadas (mastaba palavra que provém do árabe maabba, "banco de pedra" ou "lama", dependendo do autor, que por sua vez vem do aramaico misubb, podendo ter origem persa ou grega). Esta configuração foi idealizada por Imhotep a pedido do Faraó Djoser, que desejava para si um túmulo mais grandioso que os que o antecederam e, sugeria ainda, segundo alguns arqueólogos, a ascensão ao céu. O estudioso britânico Sir William Osler (séc. XIX) disse sobre Imhotep: "A primeira figura de um Arquiteto Médico a surgir claramente das névoas da antiguidade."
(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Imhotep>)**

3 – AMITIS DA MÉDIA

Amitis da Média era uma iniciada na Ciência Secreta e cuidadora dedicada dos famosos Jardins Suspensos da Babilônia.

Sobre ela a Wikipédia registra:

“Amitis foi uma princesa da Media, e foi a esposa do rei da Babilônia Nabucodonosor II para quem ele construiu os Jardins da Babilônia.

Segundo a versão da história atribuída a Alexandre, o Polímata por Eusébio de Cesareia, Sardanapalo, rei dos caldeus, pediu a filha de Azhdahak (Astiages), Amuhean (Amitis) em casamento a seu filho, o futuro rei Nabucodonosor II.

A versão de Abideno é um pouco diferente. Busalossorus, general a serviço do rei da Assíria, foi enviado para a Babilônia, para trazer forças e combater uma invasão pelo mar, porém plotou traição, e casou Amuhean, filha de Azhdahak, patriarca dos Medos, com seu filho, Nebuchadnezzar. Em seguida, ele atacou a capital assíria, Nínive; Saracus, rei da Assíria, incendiou o próprio palácio e morreu. Nebuchadnezzar tomou o reino e construiu uma muralha em Babilônia.

De acordo com Beroso, Nebuchadnezzar construiu os Jardins Suspensos da Babilônia por causa de sua esposa, que tinha saudades das altas montanhas da Media, onde ela havia crescido.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Amitis_da_M%C3%A9dia)

Foi índia pajé pelo menos duas vezes no Brasil e duas vezes nos Estados Unidos, além de ter sido Miriã, a irmã de Moisés e de Arão, a qual era profetisa, ou seja, médium.

Como pajé utilizava a Força da Natureza, segundo a Medicina Indígena.

NOTAS

[1]

“Orion, Oríon, Órion ou Oriente, o caçador Órion, é uma constelação do equador celeste. As estrelas que compõem esta constelação podem ter como elemento no seu nome o genitivo "Orionis".

Órion é uma constelação reconhecida em todo o mundo por incluir estrelas brilhantes e visíveis em ambos os hemisférios.

A constelação tem a forma de um trapézio formado por quatro estrelas: Betelgeuse (Alpha Orionis) de magnitude aparente 0,50, Rigel (Beta Orionis) de magnitude aparente 0,12, Bellatrix (Gamma Orionis) de magnitude aparente 1,64 e Saiph (Kappa Orionis) de magnitude aparente 2.06.

É uma constelação fácil de ser observada pois, de entre as estrelas que a compõem, destaca-se a presença de três, Mintaka (Delta Orionis) de magnitude aparente 2,23, Alnilam (Epsilon Orionis) de magnitude aparente 1,70 e Alnitak (Zeta Orionis) de magnitude aparente 2,03, popularmente conhecidas como "As Três Marias", que formam o cinturão de Órion e estão localizadas no centro da constelação.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Orion_%28constela%C3%A7%C3%A3o%29)

[2] As pessoas que não conhecem a Cultura Indígena e que acham que o máximo que os índios sabem fazer são suas cabanas e alguns enfeites sem graça, deveriam consultar uma obra intitulada “American Indian Contributions to the World – 15,000 years of inventions and innovations”, de autoria de Emory Dean Keoke e Kay Mary Porterfield, que pode ser encontrada no seguinte endereço: <https://mexikaresistance.files.wordpress.com/2013/09/american-indian-contributions-to-the-world.pdf>.

Nessa Enciclopédia vemos como os povos indígenas mais intelectualizados eram avançados e anteciparam muitas invenções dos europeus.

A explicação para tamanho progresso encontra-se na própria ancianidade dessa cultura: cerca de quinze mil anos.

Poderíamos relacionar alguns dos avanços relatados na Enciclopédia, mas deixamos esse trabalho para os leitores que saibam ler em inglês, pois, infelizmente, ninguém se propôs a traduzir essa obra extraordinária para o português.

